



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo

## **A ERMIDA DOM BOSCO**

Aluna: Margarida Hatem Pinto Coelho

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms Maria Regina Zamith Calazans

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Turismo Hospitalidade.

Brasília, DF, fevereiro de 2004.



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p.41).

Foto de Wagner Modesto Silveira.

## DEDICATÓRIA

A meus pais: Antonio Gomes Pinto Coelho (*in memoriam*), de quem herdei o gosto e o prazer pelas viagens, e Olinda Hatem Pinto Coelho, companheira solidária na cotidiana viagem da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo e a cada dia.

À querida orientadora, Prof. Regina Calazans, sem a qual eu não teria feito esta monografia. Sua compreensão, leveza e competência me motivaram a seguir e tentar fazer o melhor. Além do aprendizado, agradeço a prazerosa convivência, que, além da monografia, resultou em respeito e carinho.

À Prof. Sandra Tiensenhausen, examinadora, pela sua disponibilidade, incentivo e comentários oportunos. À Prof. Tânia Montoro, pelo apoio recebido ao longo do curso e à Graça Faria, pela habitual atenção na secretaria do CET e, em especial, nos trâmites desta monografia.

A José de Ribamar Góes, querido amigo e colega de trabalho no Ipea, que “nunca teve dúvidas que eu faria a monografia” e com o apoio de quem sempre contei, inclusive nos momentos em que tive de dar prioridade à monografia. A Manoel Júnior e Dr. Ricardo Lima, pela compreensão quanto às ausências necessárias. A Roberto Astorino, pela caprichosa edição do trabalho.

Ao Padre Décio Teixeira, do Instituto Israel Pinheiro e a todos que tão bem me receberam nas visitas aos órgãos do Governo do Distrito Federal e que em muito contribuíram para o desenvolvimento desta monografia, trocando idéias, disponibilizando informações, fotos, documentos. Em especial, agradeço à Denise Parreira, da Secretaria de Parques e Unidades de Conservação, que incentivou o trabalho desde o início e, gentilmente, disponibilizou farto material, além de abrir portas nos demais órgãos, e à amiga Ana Cristina Viana, da Secretaria de Turismo, primeiro contato e apoio, que também forneceu informações e material preciosos.

Às minhas irmãs brasilienses, Beatriz Abib Marinelli e Sônia R. Haddad, pelo apoio e material disponibilizados. Aos amigos Clóvis Bárbara, Suzana Monteiro e sua mãe, D. Flora, pela disponibilidade e atenção.

## MENSAGEM

*Benedictus Dominus Deus noster qui dedit nobis signum .*

### NOTA PRELIMINAR\*

O ENTENDIMENTO dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele, um morto para eles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada – todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que se usou da simpatia e da intuição. Um dos fins da inteligência, no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim, certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns que é a graça, falando a outros que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Esta monografia agrupa dados e informações relativas ao Parque da Ermida Dom Bosco e às atividades nele desenvolvidas.

Com base em entrevistas feitas com representantes dos órgãos do Governo do Distrito Federal responsáveis pela administração do Parque, da congregação salesiana e com turistas, moradores do Distrito Federal, vigia e vendedores, apresenta-se as diversas maneiras com que o parque é vivenciado, além de descrever projetos e propostas do governo para o local.

Relata a história da mudança da capital do Brasil, do Rio de Janeiro para Brasília. Discorre sobre a congregação salesiana, Dom Bosco e o seu sonho relacionado à história de Brasília, mostrando, sob óticas diversas, como a Ermida Dom Bosco se insere na cultura e na história de Brasília.

A partir da análise das informações obtidas e da fundamentação teórica, faz-se algumas considerações e sugestões sobre como o turismo no Parque da Ermida dom Bosco pode ser desenvolvido de forma sustentável, visando à preservação dos atributos naturais e da identidade do local, ao mesmo tempo em que consolida a sua função de espaço público de lazer e integração social.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	3
OBJETIVOS	7
DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS	7
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
1.1 – O TURISMO E OS SETORES DA ECONOMIA	10
1.2 – DO TURISMO AO ECOTURISMO	13
1.3 –TURISMO SUSTENTÁVEL	16
1.4 – EDUCAÇÃO AMBIENTAL	18
1.5 – PAISAGEM	20
1.6 – LUGAR	22
1.7 – ECOLOGIA URBANA	23
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	24
CAPÍTULO 3 – A NOVA CAPITAL	27
3.1 – A DEFINIÇÃO DO LUGAR	28
3.2 – CRONOLOGIA HISTÓRICA	34
CAPÍTULO 4 – A ERMIDA DOM BOSCO	37
4.1 – O MONUMENTO	38
4.2 – ASPECTOS MÍSTICOS E RELIGIOSOS	41
4.2.1 – O sonho de Dom Bosco	46
4.2.2 – Interpretações do sonho	50
4.2.3 – Dom Bosco	52
4.3 – ASPECTOS HISTÓRICOS	54
4.4. – A FESTA DE DOM BOSCO	58
4.5 – O PARQUE ECOLÓGICO E DE MULTIUSOS DA ERMIDA DOM BOSCO.	66
4.5.1 – A Área de Proteção Ambiental do Lago Paranoá – APA do Lago Paranoá	66
4.5.2 – O Parque Ecológico e de Multiusos da Ermida Dom Bosco	74

CAPÍTULO 5 – OLHARES SOBRE A ERMIDA – CONSTRUINDO UM HORIZONTE	78
5.1 – O OLHAR DA ADMINISTRAÇÃO	81
5.2 – OUTROS OLHARES	86
CAPÍTULO 6 – TENTANDO VER MAIS LONGE – UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXOS	124





***“Perto de muita água, tudo é feliz!”***

***João Guimarães Rosa***

Início este trabalho buscando inspirar-me no grande escritor e poeta Guimarães Rosa, que, como poucos, soube ver a beleza, poesia, força e magia da paisagem do sertão e do sertanejo, mostrando a necessária interação e respeito do homem pela natureza.

Início também com duas manifestações ouvidas a respeito da Ermida Dom Bosco, objeto desta monografia, que serviram de desafio e incentivo para o seu desenvolvimento:

*“Lá na Ermida Dom Bosco não tem nada...”*

*“A Ermida D. Bosco não tem nada a ver com Brasília, com a sua história e identidade; não passa nenhuma idéia de pertencimento do espaço”.*

Espero ao longo da pesquisa mostrar que a Ermida pode ser percebida de outra forma... Espero poder mostrar a alma desse lugar; alma que, segundo Eduardo Yázigi<sup>1</sup>, “seria o que fica de melhor de um lugar, e por isso transcende o tempo”. A alma que depende da fantasia, do imaginário, do comum, do cotidiano.

Talvez não fizesse este estudo se não tivesse na memória a imagem da Ermida Dom Bosco antes da construção do condomínio vizinho; se não tivesse a lembrança de momentos felizes vividos ali. Talvez achasse que na Ermida não há mesmo nada demais. Mas a minha percepção passa pela memória, pelo afeto, pelos sentidos.

E por isso, faço esta monografia; para mostrar a importância da preservação do local e da paisagem por meio de políticas urbanas consistentes, onde turismo, cultura e preservação natural estejam associados à idéia de desenvolvimento. Onde o respeito pelo outro e pelo bem público prevaleçam.

---

<sup>1</sup> (Yazigi, 2001, p 24). A leitura desse autor em muito influenciou a elaboração deste texto. Suas idéias permeiam a monografia, visto que são por mim compartilhadas.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Brasília, como capital federal, tem, a princípio, vocação político-administrativa e o turismo de negócios/eventos como suporte da sua atividade turística.

Pesquisa com amostra de 800 pessoas apresentada pela Agência de Turismo do Distrito Federal – Adetur - DF, realizada em 2001 pelo Convention Bureau, mostra a relevância de turistas a passeio/visitas: 43% dos visitantes vieram a negócios, 41%, para visita ou passeio e 11%, para eventos.

Idealizada por Juscelino Kubitschek e planejada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Brasília foi declarada pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade em 1987. É conhecida mundialmente por sua imagem de cidade moderna, arquitetura arrojada, áreas verdes e céu esplendoroso, em especial ao cair da tarde.

A falta de divulgação de alternativas restringe a visita do turista aos monumentos e lugares turísticos mais conhecidos e sua permanência limita-se a um ou dois dias. Esses visitantes conhecem apenas a Brasília já vista em cartões postais e reportagens jornalísticas. Importante, bonita e significativa, mas não completa, não representativa da cultura, diversidade, força e luz dessa eclética cidade, inserida em pleno cerrado, no planalto central do Brasil.

O Distrito Federal tem diversas opções a oferecer aos visitantes, entre elas o ecoturismo, o turismo místico e religioso, o rural, o náutico. Esta monografia pretende mostrar que o Parque Ecológico e de Multiusos da Ermida Dom Bosco, ou, simplesmente, Ermida Dom Bosco<sup>2</sup>, como é conhecido, é uma dessas opções.

Além do turismo místico, religioso e histórico, nos quais a Ermida D. Bosco se coloca, o Parque surge como alternativa turística diferenciada, voltada para o ecoturismo e lazer.

Totalmente inserido na Área de Proteção Ambiental do Lago Paranoá, a cerca de 13 km do centro de Brasília, torna-se um espaço para atividades diárias

---

<sup>2</sup> Neste documento serão utilizadas as terminologias Parque da Ermida D. Bosco, Ermida D. Bosco ou apenas Ermida, para referir-se ao parque e ao monumento.

de lazer, principalmente para a população das regiões administrativas do Lago Sul, onde está situado, e do Paranoá, próxima ao Parque.



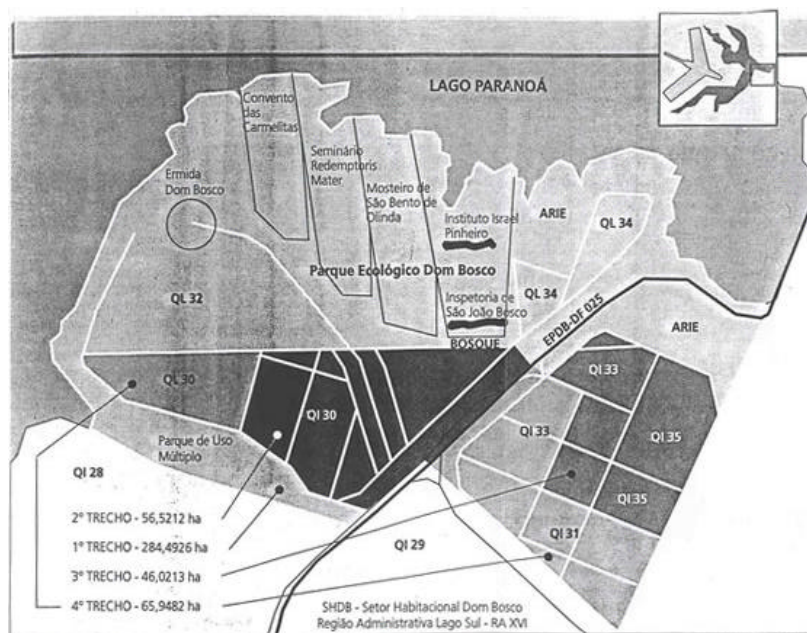
Fonte: Seduh/DF.

Uma característica de Brasília bastante divulgada é o misticismo, presente em sua história, arquitetura, população, identidade. A Ermida Dom Bosco, monumento tombado como patrimônio do Distrito Federal em março de 1988, é um símbolo dessa identidade, pois foi construída no local onde o visionário Dom Bosco sonhou que surgiria uma nova civilização. Representa a concretização de um sonho, a concretização da fé e do desejo de realizar.

Em 1998, foi criado o Parque da Ermida Dom Bosco, para assegurar a proteção do monumento.

Com a inauguração em 2003 da Ponte Juscelino Kubitschek, também conhecida como Terceira Ponte e por si só uma atração turística, a distância entre o centro de Brasília e o Parque da Ermida D. Bosco foi reduzida significativamente, o que incentiva e facilita a visita ao Parque.

A aprovação do projeto de criação do Setor Habitacional Dom Bosco, nos arredores do Parque, também sugere o aumento da demanda turística com fins de lazer.



Localização do Setor Habitacional Dom Bosco.

Fonte: Correio Braziliense.

O Parque da Ermida Dom Bosco, subaproveitado, não é conhecido por grande parte de turistas e da população local. Encontra-se em condições inadequadas de uso e preservação. Loteamentos irregulares na vizinhança, projetos urbanístico e paisagístico não implementados, falta de manutenção, uso indevido do local, entre outros, levaram a essa situação, que, com o potencial aumento do número de visitantes, tende a se agravar.

Apesar da Ermida Dom Bosco ser uma importante referência histórica e cultural de Brasília, sua área vizinha sofreu intervenções urbanas desordenadas, especialmente do Condomínio Villages Alvorada, que chegou a ameaçar a área tombada.

O decreto de tombamento e a criação do Parque interromperam essas intervenções, mas a área passou por grandes modificações, principalmente da vegetação nativa em volta da Ermida, que antes se destacava, bucolicamente, no

meio do cerrado. A paisagem, um dos seus maiores atrativos e característica marcante de sua identidade, foi prejudicada sobremaneira.

Yázigi, (2001) discorre sobre a importância de se conhecer a personalidade/ identidade do lugar visitado, por meio da interação com seus habitantes, tradições, valores, vocação turística.

O lazer insere-se dentro do turismo. Não é possível entender o movimento do turismo sem a consideração do cotidiano. A paisagem deve destinar-se primeiro aos habitantes, sem desconsiderar, é claro, o seu compartilhamento com os de fora. Políticas públicas que não tenham essa preocupação, que não passem pelo eixo do cotidiano e do trabalho, estarão fadadas ao insucesso. Por isso, este trabalho contempla também a utilização do Parque, um espaço público, pela população local, juntamente com os turistas.

Ainda segundo Yázigi (2002, p. 22), “se não conseguirmos desenvolver um modo de viver o cotidiano, não conseguiremos viver bem em lugar algum, pois ele se recria onde estivermos”. Portanto, dignificar o cotidiano com a extensão dos benefícios para o maior número possível de pessoas é o primeiro passo, insubstituível. Depende da força e vontade política e da capacidade da sociedade de se mobilizar e criar.

As ocupações das áreas próximas ao Parque da Ermida Dom Bosco evidenciam uma situação indesejável e comprometedora da sua identidade e paisagem. Podem agravar a eventual degradação das condições ambientais e dos aspectos socioculturais vinculados às atividades ali desenvolvidas. Consequentemente, os atributos que o tornam ponto de interesse em termos de turismo, lazer, uso ou mesmo referência na orla do Lago Paranoá, também ficam comprometidos.

Esta monografia agrupa dados e informações relativas ao Parque da Ermida Dom Bosco e à sua utilização. Por se tratar de um estudo de caso, exploratório, são levantadas hipóteses simplificadas: a vocação turística da Ermida D. Bosco está vinculada ao ecoturismo e ao turismo místico e de contemplação; a Ermida D. Bosco é um espaço de lazer em potencial para a população local; há um plano de revitalização da Ermida, mas não há recursos para implementá-lo; uma

adequada utilização turística do Parque pode assegurar a sua preservação e a utilização do espaço como área de interação social.

Com abrangência holística e interdisciplinar, o estudo se volta à gestão e responsabilidade públicas em alguns momentos. Pretende-se apresentá-lo aos órgãos competentes, com o objetivo de chamar atenção sobre o local e procurar alternativas para implementação das sugestões feitas. No caso de eventual falta de recursos, pode-se buscar parcerias e convênios.

## **OBJETIVOS**

- Objetivo Geral

Apresentar uma proposta para incentivo do turismo sustentável no Parque da Ermida D. Bosco, visando a preservar seus atributos naturais, a identidade do local, e, ao mesmo tempo, fazer do Parque um espaço público de lazer e integração social.

- Objetivos Específicos

Levantar informações e dados referentes ao Parque, em termos ambientais, arquitetônicos, turísticos;

Identificar as possíveis maneiras de implementar o turismo sustentável e o lazer no Parque da Ermida Dom Bosco;

## **DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS**

A monografia está estruturada em seis capítulos.

No primeiro capítulo, é apresentada a Fundamentação Teórica, com referencial teórico e conceitual sobre temas pertinentes à pesquisa como turismo, turismo sustentável, ecoturismo, educação ambiental, paisagem, lugar, ecologia urbana. No capítulo 2, descreve-se a metodologia utilizada no levantamento dos dados e informações e a abordagem dada ao estudo.

O capítulo 3 discorre, de forma abrangente, sobre a história da mudança da capital do Brasil, do Rio de Janeiro para Brasília, desde a Inconfidência Mineira, 1789, até a sua construção, 1960.

O capítulo 4 introduz o objeto da monografia, a Ermida Dom Bosco, nos seus aspectos religioso, místico, histórico e físico. Discorre rapidamente sobre a congregação salesiana, Dom Bosco e o seu sonho relacionado à história de Brasília. Mostra como Ermida Dom Bosco se insere na cultura e na história de Brasília, destacando a Festa de Dom Bosco, ali realizada, anualmente, no último domingo do mês de agosto. Ainda nesse capítulo, descreve-se o Parque da Ermida Dom Bosco e a Área de Proteção Ambiental - APA - do Lago Paranoá, onde está localizado.

Em seguida, o capítulo 5 relata as entrevistas e informações obtidas com representantes da congregação salesiana e dos órgãos responsáveis pela administração do Parque, descrevendo projetos e propostas do governo para o local. Apresenta também como o parque é visto por outros segmentos da sociedade: turistas, moradores do Distrito Federal, vigias, vendedores, enfim, mostra as diversas maneiras com que o parque é vivenciado. Essa parte corresponde essencialmente ao trabalho de levantamento de dados de pesquisa, sistematizando-os a partir de categorias elaboradas.”

No capítulo 6, com base nas observações e no referencial teórico estudado, são feitas inferências que constroem a percepção da autora, na procura de uma visão ampliada, tentando absorver a diversidade de olhares sobre a Ermida.

Por fim, apresenta-se as considerações finais do trabalho, discorre-se sobre a forma de turismo a ser desenvolvida na Ermida e faz-se algumas recomendações.



---

## **CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## 1.1 – O TURISMO E OS SETORES DA ECONOMIA

O turismo é definido essencialmente como movimento de pessoas e atendimento às suas necessidades, assim como às necessidades de outras pessoas que não viajam (Angeli, 1999). Em outras palavras, é o fenômeno da interação entre o turista, o núcleo receptor e as atividades decorrentes dessa interação, compreendendo uma dinâmica plural, que envolve não só as pessoas que viajam, os bens e serviços oferecidos e utilizados, mas também uma série de relações e situações de caráter econômico, sociológico e político.

Para Angeli (1999), o turismo não pode ser classificado como “indústria”, como freqüentemente é chamado. Isso se justifica pelo fato da atividade fazer uso dos três setores nos quais o sistema econômico está dividido. Por exemplo, para a alimentação, serve-se do setor primário (agricultura, pecuária, extrativismo); a construção envolve o setor secundário (indústria de transformação), sendo utilizado ainda o setor terciário (comércio e serviços), para todos os serviços de atendimento ao turismo. Assim, a autora menciona ainda que:

*“(...) Falar em indústria turística é restringir o turismo às atividades relacionadas com a transformação do ambiente e da paisagem. Existe uma indústria vinculada ao turismo assim como serviços a ele ligados. Existem, portanto, bens e serviços turísticos. Tanto um quanto o outro exercem na economia um efeito multiplicador, gerando empregos, impostos e originando uma rede de serviços de apoio das mais variadas áreas que movimentam recursos materiais e humanos. É por esse efeito multiplicador diversificado que o turismo é visto como um grande investimento. Este aspecto tem sido, amiúde, o único visualizado pelas políticas nacionais de turismo”.*(Angeli,1999, p.49).

Nessa mesma linha de pensamento, Yázigi (1998) enfatiza que o turismo evoca um mundo extremamente grande e diversificado de coisas e atividades. O autor cita que

*“(...) Falar em turismo significa evocar um mundo extremamente grande e diversificado de coisas e atividades. Não se pode falar em planejamento de turismo sem antes definir seu campo de análise ou antes, sem saber se pode ser considerado como tal. Seu universo nos reporta aos fatores geográficos e culturais que propiciam sua existência, à hotelaria, aos bares, restaurantes e congêneres, à prestação dos mais diversos serviços, ao marketing, à produção de eventos, espetáculos... Mas, por outro lado, o que falar da construção civil ligada ao fenômeno turístico? E da indústria de aviões, trens,*

*navios e todos os meios de transporte grandemente destinados ao turismo? E da urbanização produzida por esse vai e vem? Quanto de um supermercado é consumido pelo turismo e quanto pelas condições cotidianas da vida local? O que é o profissional do turismo: um gerente de hotel? um produtor de eventos? Um funcionário municipal encarregado de restaurações ou arborização de ruas?” (Yázigi,1998, p.119)*

Além dos argumentos apresentados, não se deve considerar, nem denominar, o turismo como “indústria” para que ele não seja tratado apenas com a “lógica de mercado”, que visa ao lucro em primeira instância e pela qual os destinos turísticos se transformam em produtos, semelhantes a qualquer objeto exposto em prateleiras. Isso implica o detrimento da “lógica da natureza e da ética do ambiente”, na qual se considera a identidade e os valores das comunidades envolvidas; na qual se faz necessário pensar e estabelecer princípios de relacionamentos de outra maneira, com vistas a “passar de um agir sobre a natureza a um trocar gestos recíprocos com a natureza”, nos moldes em que discorre Brandão(1994).

O termo “indústria” deixa implícito que o ambiente/viagem é tratado mais como definição para o uso, sem contemplar os “elementos” de ações presentes e futuras, pela ótica ecológica, social, cultural e espacial, além da econômica.

O assunto turismo não é prerrogativa destinada ou promovida para um grupo técnico ou científico interessado. Envolve conteúdos que reúnem aspectos decorrentes de ações antrópicas, públicas e privadas, sistemáticas ou não, e que, após interações de todas as formas, níveis e escalas espaciais, se estabelecem como necessidades, como benefícios ou malefícios à sociedade e ao ambiente em que ela vive.

Geograficamente, o turismo tornou-se uma atividade universal, a partir da década de 1960. O volume de negócios relacionados ao turismo ultrapassa, em muitos países, o do comércio e o da produção de mercadorias.

Ruschmann (1999), aponta o fato de que as condições de vida têm se deteriorado nos grandes conglomerados urbanos, fazendo com que parcela crescente da população busque, durante as férias, fins de semana e feriados, regiões com belezas naturais. Ainda segundo a autora, outros fatores contribuem

para o crescimento dos fluxos turísticos, como o aumento de tempo livre, a evolução técnica, o aumento de renda de algumas camadas da população, o desenvolvimento das empresas de turismo, a liberação das formalidades aduaneiras e burocráticas, o aumento da urbanização e os impactos psicológicos da vida urbana.

Assim, a necessidade de viajar é incorporada ao rol das necessidades do homem. “É o homem urbano que constitui o chamado homo turisticus ou homo viajor” (Rodrigues, 1996, p.73).

É certo que em época de crise econômica o surgimento de uma nova possibilidade de geração de emprego e renda, como é o caso da atividade turística, é sempre interessante. O turismo virou fonte de lucro, e, como tal, é divulgado como "salvação" para problemas sócioeconômicos da população. Contudo, a solução comumente imaginada parece se reduzir a investimentos relativos à infra-estrutura de apoio tais como estradas, barateamento de tarifas, financiamento de hotéis, entre outros. O que vem sendo ignorado é o que começa quando se atravessa a porta do hotel, rumo à rua: a degradação sócio ambiental. É necessário resolver os vários reverses sócios culturais, com ou sem o turismo, mas que com ele geram antagonismos visíveis. Turismo e miséria são incompatíveis.

O turismo deve ser pensado em todos os setores nos quais se apoia, levando em conta a questão ambiental, os modos de produção, as tecnologias e o planejamento, para que não fique girando em “órbita própria”, sem apresentar soluções que contemplem simultaneamente o combate à pobreza e à degradação ambiental.

Aqui vale enfatizar as preocupações de Yázigi (1998, p.120),

*“De pouco adianta que o município entre na frente turística se, simultaneamente, não estiver combatendo a pobreza, a degradação do território, as tecnologias erradas ou o mau uso da memória. Construir casas de operários com dignidade, produzir bens segundo padrões aceitáveis, discutir e aprimorar a relação dos diferentes grupos sociais em sua relação espacial, apoiar as tradições que garantem suas vidas, controlar a avarícia dos especuladores e loteadores e dezenas de outras coisas aparentemente sem relação com o turismo, são as formas mais legítimas de abraçá-lo com sucesso”.*

A atividade turística tem um aspecto social tão importante quanto o econômico, que é a possibilidade de expansão do ser humano, tanto pelas emoções e bem estar vivenciados, quanto pela possibilidade de conhecer novas culturas e pessoas e ampliar seus conhecimentos por meio das viagens. Envolve realizações de sonhos, de fantasias; uma viagem pode ser, as vezes, o significado de uma vida. Deve ser fomentada por políticas públicas que propiciem não só fontes de divisas, mas também práticas saudáveis de lazer, buscando o respeito ao ser humano, ao meio ambiente e às particularidades das comunidades receptoras.

Assim, como afirma Yázigi (1998, p.119)

*“(...) a alternativa do caminho turístico é válida sobretudo quando se tem certeza que sua expansão depende da promoção do homem e de seu espaço, quando a questão maior da atualidade é o desemprego. Mas é um caminho longo e trabalhoso”.*

Há de se registrar o raro consenso entre economistas e cientistas sociais que prevêem crescimento mundial da atividade turística, enquanto, no Brasil, as políticas públicas para o setor não têm apresentado uma opção/diretriz clara. Tais políticas se enredam em potencialidades, legislações, financiamentos, burocracias e negociações.

## **1.2 – DO TURISMO AO ECOTURISMO**

Devido aos diversos aspectos que o turismo apresenta, é possível classificá-lo de muitas maneiras, tendo como elemento diferenciador critérios como *volume* (de minorias, de massas), *duração* (de fim de semana, de férias, esporádico) e *âmbito geográfico* (litoral, rural, de montanha, urbano). De acordo com o objetivo, pode ser classificado como turismo de lazer, de saúde, místico, da terceira idade, esportivo, gastronômico, científico, cultural, histórico, artístico, de aventura, ecológico, rural, de negócios, compras, parentesco e amizade, religioso, congressos, missões, entre outros.

Algumas dessas modalidades de turismo - negócios, consultas médicas, compras, parentesco e amizade, religiosidade, congressos – acontecem

naturalmente, por seu caráter de obrigatoriedade. Não são tanto produtos de políticas públicas específicas, mas sim de deslocamentos necessários.

Dentre as modalidades existentes, o ecoturismo começou a ganhar mais destaque. O turismo de massa, que teve seu apogeu nos anos 70 e 80 caracterizou-se como uma atividade devastadora em termos de impactos ambientais e sobre as comunidades receptoras, em que predominaram o crescimento desordenado, a arquitetura urbana, a criação de marinas e portos artificiais e a falta de controle de efluentes e esgotos.

Segundo Ruschmann (1999), muitos países têm entrado numa fase na qual o turismo considera os problemas do meio ambiente. Os impactos sobre a cultura e a paisagem dos locais visitados passaram a ser estudados e têm sensibilizado a opinião pública, levando à criação de normas que restringem o direito dos turistas ao consumo desmesurado dos valores culturais e recursos naturais das comunidades receptoras. Paralelamente, o turismo ecológico vem crescendo nas localidades turísticas já estabelecidas e, nas novas evita-se a ocupação de todos os espaços. Assim,

*“(...) o turismo brando, ecológico, naturalista, personalizado e realizado em grupos pequenos de pessoas tende a caracterizar os fluxos turísticos do futuro”, afirma Ruschmann (1999, p.17).*

Um dos primeiros a utilizar e definir a atividade ecoturística foi Ceballos Lascurain, na década de 80, conceituando turismo ecológico como a realização de viagens para áreas naturais não perturbadas ou contaminadas, com o objetivo de admirar, gozar e estudar a paisagem, sua flora e fauna, assim como sua cultura passada e presente.

A Empresa Brasileira de Turismo - Embratur - define ecoturismo como :

*“(...) turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica” (Embratur, 1991).*

A mesma Embratur, em 1994, no seu documento "Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo", oferece outra definição:

*“(...) um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.”*

Western (1995, p.16) afirma que o ecoturismo é mais do que uma pequena elite de amantes da natureza, compondo, na verdade, *“(...) um amálgama de interesses que emergem de preocupações de ordem ambiental, econômica e social.”* As preocupações de ordem ambiental dizem respeito ao fluxo elevado de visitantes às áreas naturais, fazendo com que os conservacionistas trabalhem com o objetivo de aliar o turismo à conservação da natureza. As preocupações de ordem econômica analisam de que forma a renda gerada com o turismo pode reverter para a conservação auto-sustentável, ou como o valor não monetário que as pessoas atribuem às regiões naturais pode ser quantificado, surgindo como questão central ao desenvolvimento sustentável. As preocupações de ordem social levam à premissa de que não se pode conservar a natureza à custa da população local.

Assim, *“(...) uma política justa e sensata e uma economia equilibrada devem ter como meta fazer os moradores locais sócios e beneficiários da conservação, e não seus inimigos implacáveis”* (Western, 1995, p.17).

A *The Ecotourism Society* oferece a seguinte definição:

*“(...) Ecoturismo é a viagem responsável a áreas naturais, visando a preservar o meio ambiente e promover o bem estar da população local”.*

Como se pode perceber, o ecoturismo tem dois princípios como fundamentos:

- a) a proteção dos recursos naturais das áreas visitadas não pode ser comprometida;
- b) a população local deve ser envolvida e beneficiada pela atividade ecoturística.

Muitas vezes, o ecoturismo é entendido como atividade pedagógica, esportiva ou de lazer realizada junto à natureza, (florestas, cachoeiras,

montanhas, cursos d'água), cujo público é, em sua maioria, jovem. Mas em razão de seu próprio caráter, o ecoturismo, como às vezes é praticado, se não for associado à educação ambiental, corre o risco de tornar-se predatório.

Ruschmann (1999, p.27), enfatiza a necessidade de encontrar equilíbrio entre turismo e meio ambiente:

*“(...) o Estado deve cumprir seu papel, na aplicação de leis ambientais e no zelo pelo seu cumprimento, porém é essencial que as coletividades dos locais turísticos, assim como os outros agentes de seu desenvolvimento contribuam igualmente para a proteção dos atrativos naturais que estimulam o afluxo de turistas”.*

Segundo Yázigi (1998, p.118),

*“(...) a ecologia é uma ciência que estuda não um ser isoladamente, mas suas relações com os mais diferentes meios, vivos ou não. O que está em questão é, essencialmente, a relação, que, percebamos ou não, existe em tudo. Sendo assim, não teria muito sentido falar em ecoturismo, pois todo turismo seria ecológico, na medida em que o observador o relaciona com o meio. Uma denominação do tipo turismo preservacionista seria mais adequada, de acordo com uma possível associação com a busca de preservação e recuperação de ecossistemas”.*

### **1.3 – TURISMO SUSTENTÁVEL**

Alguns autores têm proposto novas formas de turismo, com menor impacto no meio ambiente, como alternativa ao modelo de atividade turística dominante, adotando a denominação de "Turismo Sustentável" ou "Turismo Durável".

Assim, busca-se a adoção do conceito de desenvolvimento sustentável aplicado ao turismo, com a finalidade de promover um turismo ambientalmente sustentável, economicamente viável e socialmente justo, tendo como suporte a dinâmica local, o planejamento territorial integrado e a gestão participativa.

Conceituando "Desenvolvimento Sustentável", cita-se alguns relevantes:

I Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (Estocolmo, 1972) o definiu como:

*“(...) Desenvolvimento orientado pelo princípio de justiça social em harmonia com a natureza, e não através de sua conquista”.*



No Relatório da “Comissão Brundtland”, intitulado “Nosso Futuro Comum” (1987), consta que:

*“(...) é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”.*

Para a Comissão das Comunidades Europeias,

*“(...) Desenvolvimento durável e equilibrado, que se define como um processo de mudança econômica e social que utiliza os recursos naturais para o benefício tanto atual quanto futuro das populações.”*

Silveira (1997, p.90), faz uma interpretação importante do que se entende por turismo sustentável, fundamentado nos cinco princípios de sustentabilidade, propostos por SACHS (1993), a saber:

***1-Sustentabilidade ecológica**, entendida como a proteção da natureza e da diversidade biológica; portanto o desenvolvimento turístico deve respeitar a "capacidade de suporte" dos ecossistemas, limitar o consumo dos recursos naturais e provocar o mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida ;*

***2-Sustentabilidade social**, fundamentada no estabelecimento de um processo de desenvolvimento que conduza a um padrão estável de crescimento, com uma distribuição mais eqüitativa de renda, redução das atuais diferenças sociais e a garantia dos direitos de cidadania;*

***3-Sustentabilidade cultural**, implica a necessidade de se buscar soluções de âmbito local, utilizando-se as potencialidades das culturas específicas, considerando a identidade cultural e o modo de vida local, assim como a participação da população local nos processos decisórios e na formulação e gestão de programas e planos de desenvolvimento turístico;*

***4-Sustentabilidade econômica**, que assegure o crescimento econômico para as gerações atuais, e, ao mesmo tempo, o manejo responsável dos recursos naturais, que deverão satisfazer as necessidades das gerações futuras;*

***5-Sustentabilidade espacial**, baseia-se na distribuição geográfica mais equilibrada dos assentamentos turísticos para evitar a super concentração de pessoas, equipamentos e infra-estrutura turísticas e, conseqüentemente, diminuir a destruição de ecossistemas frágeis e a deterioração da qualidade da experiência do turista.”*

Ainda para Silveira, em projetos turísticos que levem em consideração a sustentabilidade, devem ser observados os seguintes aspectos:

*“- respeito à capacidade de carga do espaço local no que se refere aos aspectos físicos, biológicos, sociais e psicológicos;*

*- aplicação irrestrita da legislação ambiental;*

*- infra-estrutura turística adequada ao ambiente, com aproveitamento de materiais locais nas construções, bem como em harmonia com o ambiente e cultura local;*

*- genuína participação local no processo de planejamento, gestão e controle do desenvolvimento turístico;*

*- programas educativos voltados à comunidade e aos turistas;*

*- análise da viabilidade econômica e social do desenvolvimento turístico;*

*- gestão dos impactos ambientais e socioeconômicos do turismo; entre outros.”(ibidem, 90).*

#### **1.4 – EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Os impactos sobre a cultura e as paisagens dos locais visitados em um turismo desorientado passaram a ser estudados e sensibilizaram a opinião pública.

As preocupações de ordem ambiental referem-se à capacidade de suporte do fluxo de visitação, à sustentabilidade dos ecossistemas locais e à educação ambiental não-formal dos visitantes, aliando a atividade econômica à ação educativa, contribuindo para a “formação de uma consciência ambientalista” que assegure a sobrevivência das identidades locais.

Para Western (1995), o ecoturismo envolve um sério compromisso com a natureza como responsabilidade social, que deve ser assumido também pelo viajante, visando a atuar para a conservação do ambiente e bem estar da comunidade visitada. Ecoturismo e educação ambiental são parceiros no desenvolvimento sustentável.

Em termos de legislação, a Constituição Federal, em seu Artigo 225, Inciso VI, determina que:

*“(...) Cabe ao Poder Público promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.*

Observa-se dessa forma, que o dever do Poder Público não exige a responsabilidade individual e coletiva da sociedade civil. A participação popular é essencial ao processo e, nesse assunto, a responsabilidade é comum a todos. Assim, o mesmo artigo constitucional, com referência ao meio ambiente equilibrado, impõe ao “Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A Lei 9795/99 institui a Política Nacional de Educação Ambiental – Pnea e elege o ecoturismo como estratégia de educação ambiental não-formal, ou seja, uma maneira de levar educação ambiental para a parcela da sociedade que já não frequenta a escola. Para a educação ambiental formal, a escolar, a lei aponta outros caminhos.

Assim, a educação ambiental, direito e dever de todos, é definida no Art. 1º da Política Nacional de Educação Ambiental – Pnea, como:

*“os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.”*

Em seu Art. 3º, a Pnea estabelece que: “(...) todos têm direito à educação ambiental”, enfatizando-se a incumbência dada ao poder público, aos meios de comunicação de massa e à sociedade em geral ao citar, neste mesmo artigo, que cabe:

*“I – ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;*

*IV – aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação;*

*VI – à sociedade como um todo, manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais;”*

Neste contexto, a Pnea destaca em seu Art. 4º, os seguintes princípios básicos da educação ambiental:

*“II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade”;*

*IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;*

*V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;”*

De acordo com essa Lei, a educação ambiental objetiva, dentre outros intentos, desenvolver uma compreensão integrada sobre as relações estabelecidas com o meio ambiente envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; estimular e fortalecer uma consciência crítica sobre a questão ambiental e social, incentivar a participação individual e coletiva, permanente e responsável, com vistas à preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania.

### **1.5 – PAISAGEM**

Não se pode reduzir o turismo à paisagem, mas ela constitui um de seus maiores atrativos. Sem ela o turista deixaria de vivenciar experiências grandiosas. Experiências que passam por todos os sentidos, pela cultura, pelo social, pela percepção de cada um.

Torna-se necessária uma reflexão sobre a relação paisagem - turismo, sem perder de vista a importância da paisagem no cotidiano das pessoas. A complexidade do conceito e a diferenciação de enfoques levam a autores diversos e multidisciplinares.

Para Bezerra de Meneses (2001, p.32), “os sentidos são a principal ponte de comunicação entre o sujeito e o mundo externo”. Não há paisagem sem um observador; a visão é condição para a existência cultural da paisagem, que por isso, pode ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial, apesar

de não se limitar a esse contexto. Denis Cosgrove (apud Meneses, 2001), chega a afirmar que, antes de tudo, a paisagem é um modo de ver.

A paisagem transcende a relação de objeto e observador; transcende o sentido da visão, como bem coloca Augustin Berque, em dois momentos distintos:

*“A paisagem não é um objeto. Para compreendê-la, não basta saber como se agenciam morfologicamente os componentes do ambiente, nem como funciona a fisiologia da percepção – dito de outra forma, aquilo que deriva do objeto, incluindo o corpo humano como tal considerado – é preciso também conhecer as determinações culturais sociais e históricas da percepção – isto é, aquilo que constrói a subjetividade humana” (Berque, 1995).*

e

*“O que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo.)” (idem, 1998, p.87).*

Ainda para Meneses (ibidem) a paisagem é dinâmica, tem história. Considerando homem e paisagem como indissociáveis, a paisagem pode ser objeto de conhecimento histórico e essa história pode ser narrada por ela.

A historicidade da paisagem diz respeito também ao uso que as sociedades ou seguimentos sociais deram a ela; são nesses usos que estão os significados da paisagem. É preciso saber quais os valores que a sociedade expressa pela paisagem.

Deve-se considerar a paisagem como uma estrutura de interação, material e simbólica. Não, como alguns, considerá-la somente um objeto (uma extensão da superfície da terra), nem tão pouco, como outros, fazer dela apenas uma projeção do observador.

Meneses (ibidem) afirma ser indiscutível o papel que a paisagem desempenha como componente na fixação da identidade local. Pela vinculação com o processo identitário e a construção imaginária da nação, a paisagem se torna componente do patrimônio cultural.

Isso não implica falar em harmonia, pois a identidade não é capaz de produzir, por sua própria força, unidade e solidariedade. A paisagem reflete isso, podendo-se utilizar a expressão guerra de paisagens, que se aplica bem ao caso estudado.

Milton Santos (1996, p.83) define a paisagem como:

*“o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão...A paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal...”*

e ainda:

*“A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as relações localizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas, mais a vida que as anima”.*

Yázigi (2001, p.34) lembra ainda que *“a natureza (assim como o meio) não é paisagem: a primeira existe em si, enquanto a segunda só existe em relação ao homem e segundo a sua forma de percebê-la”.*

## **1.6 – LUGAR**

Além da arquitetura, geografia e história, diversas disciplinas contribuem hoje para um novo conceito do espaço e do cotidiano, entre elas a psicologia.

Amos Rapoport (1978) insere o referencial humano na definição de lugar ao destacar o papel dos sentidos, no qual a visão é dominante, pelas informações que possibilita (distância, textura, luz, cor, forma, contrastes), mas sofre influência de cada cultura. O olfato valoriza e dá identidade ao lugar: cheiro de grama, de chuva, de fábrica de biscoito, de gasolina..., que podem mudar ao longo do tempo. O som enfatiza o espaço, mas é passageiro. O tato, além da textura, identifica o tipo de espaço que existe no solo, informação importante para os cegos. Rapoport destaca também a importância da cinestesia, que possibilita as mudanças de posição e novas percepções.

Para Santo Agostinho, o valor do lugar depende da intimidade de uma relação humana (apud Tuan, 1983, p.156)

O físico John Barrow, em seu livro *Teoria de Tudo*, diz que nenhuma explicação não poética da realidade pode ser completa; o mesmo diz Gaston Bachelard em sua *Poética do Espaço* (1993). Quando um cidadão vive seu lugar ou quando um viajante se detém para considerar o que gostaria de levar dali, aí então se capta a essência do lugar.

Consubstanciado nesses e outros conceitos, Yazigi(2001) vê o lugar como:

*“um dos referenciais indispensáveis à vida, nas esferas do cotidiano, do trabalho, dos afetos e dos ideais, mas, desoladamente, com perdas indizíveis. A personalidade é composta de vários suportes. Nesse caso, estou pensando em algo que teria a ver com o mais amplo sentido da ecologia, isto é, as relações mútuas do meio e com o homem: a biosfera, a cultura material, a memória, as animações e as cognições.”*

## **1.7 – ECOLOGIA URBANA**

A conceituação de ecologia urbana é um trabalho complexo, por isso coloca-se aqui apenas o conceito utilizado no contexto deste trabalho, sob a ótica de Virgínio Bettini (apud Yázigi, 2001), na qual ecologia urbana não pode ser reduzida a problemas de poluição, edificação e natureza da cidade; e de Eduardo Yázigi (2001), pela qual a ecologia urbana reforça o sentido identitário da paisagem; na qual a natureza, em reservas ou incorporada ao urbano, tem que ser entendida como uma proposta de preservação de valores intrínsecos, como caracterização ecológica da paisagem. É o caso da inserção de fatores da geografia física na urbanização, como sistema hidrográfico, vegetação, relevo.





A monografia teve uma abordagem multidisciplinar, de acordo com as questões que se colocaram durante o seu desenvolvimento. Os conceitos e idéias desenvolvidos apoiam-se na revisão bibliográfica e fundamentação teórica apresentada, bem como em leituras efetuadas ao longo do curso.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica aprofundada, em livros e na internet.

Foram levantados dados primários, secundários e terciários.

Os depoimentos orais tiveram papel relevante no levantamento das informações, mediante entrevistas realizadas de maneira descontraída, nas quais se abria espaço para que os entrevistados externassem seus conhecimentos, sentimentos, anseios e opiniões.

Após visitas iniciais ao Parque da Ermida D. Bosco para reconhecimento e diagnóstico da área, foram agendadas reuniões com representantes dos órgãos competentes do Governo do Distrito Federal, para levantamento dos dados relativos ao local.

Os técnicos responsáveis pela administração do parque, nos seus diversos aspectos, foram entrevistados para troca de informações e idéias, tendo disponibilizado material técnico e informações preciosas, que subsidiaram e enriqueceram as análises e sugestões feitas neste estudo.

Foram feitas novas visitas à Ermida para observação e percepção do local, ocasião em que se fazia a pesquisa de campo, por meio de entrevistas. Perguntava-se aos visitantes, escolhidos aleatoriamente, o que achavam da Ermida, de onde eram, a freqüência de visitaçãõ, o que as motivava a ir ali e o que poderia ser diferente ou melhorar no local. Em algumas entrevistas solicitava-se sugestões de uso.

Foram entrevistados também – alguns por telefone – moradores do Condomínio Villages Alvorada e de outras localidades do Distrito Federal, para verificar se conheciam o Parque da Ermida e como o utilizavam. Caso positivo, aplicava-se as mesmas perguntas feitas aos visitantes.

Foram também entrevistados o vigia e vendedor ambulante do local.

Devido à dimensão e definição da amostra, essas pesquisas de campo não são estatisticamente significativas. A proposta inicial era uma pesquisa quantitativa mais ampla, mas, com o encaminhamento do trabalho, percebeu-se que, para a monografia, não era essa a abordagem mais importante a ser feita e sim uma abordagem na linha qualitativa, voltada para a percepção de valores e sentimentos.

Isso, naturalmente, não exclui a validade e necessidade de um levantamento técnico e estatístico para a área, principalmente para a elaboração de estudos de demanda, de capacidade de carga, de material de divulgação, entre outros, visando ao subsídio de políticas e ações de preservação do local.

Finalmente, foi realizada entrevista com o Diretor do Instituto Israel Pinheiro, da Congregação Salesiana, vizinho ao Parque da Ermida e o qual, juntamente com órgãos públicos, atua na sua gestão.

Diversos guias e publicações foram consultados para a contextualização do objeto de estudo no turismo do Distrito Federal.

De posse das diversas informações coletadas e com base nos conceitos apresentados na fundamentação teórica, foi feita uma análise e, a partir dela, apresentam-se inferências e considerações sobre o lugar bem como sugestões para o desenvolvimento de um turismo adequado ao Parque da Ermida Dom Bosco e para sua utilização pela população do Distrito Federal.

---

## **CAPÍTULO 3 – A NOVA CAPITAL**

### 3.1 – A DEFINIÇÃO DO LUGAR<sup>3</sup>

As terras do Planalto Central, conhecidas desde 1596 pelos primeiros desbravadores, já permeavam o imaginário dos que pretendiam ver a sede do governo brasileiro construída no interior.

O ano de 1750, época em que o Brasil ainda era uma colônia portuguesa, é apontado como marco das iniciativas e intenções que previam a interiorização da capital. Nesse ano, Francisco Tossi Colombina, cartógrafo genovês, elabora a Carta de Goiás e capitanias próximas, sugerindo a mudança da capital do país para essa região.

Em 1761, são registradas referências semelhantes, atribuídas ao Marquês de Pombal, estadista português que sonhava com a mudança da capital para o vale do Amazonas, fazendo do Rio de Janeiro apenas a capital provisória.

Em 1789, os inconfindentes sugerem a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para São João Del Rei. Segundo eles, essa era a cidade que apresentava as melhores condições para sede do governo, por ser *bem situada e farta de mantimentos*.

Em 1808, o jornalista Hipólito José Costa, pelo seu jornal Correio Braziliense, inicia campanha a favor da transferência da capital, publicando matéria relativa ao estabelecimento da capital no interior. O local indicado refere-se à região dos mananciais dos rios Araguaia, Tocantins, São Francisco e Paraná, isto é, no Planalto Central.

As qualidades ambientais e as riquezas naturais da região eram o argumento mais utilizado para a transferência, citando-se rios, campos para a criação de gado, pedras e madeiras para construção, além da diversidade de metais existentes. Referências sócio-culturais raramente eram apresentadas, transformando a região central do Brasil em um vazio cultural, como se não existissem pessoas ocupando suas terras, com identidade e cultura local.

---

<sup>3</sup> As informações contidas neste item foram compiladas pela autora com base em sites e publicações diversas, citados nas referências bibliográficas e, em especial, do livro ‘Olhares sobre o Lago Paranoá’, cap. II

Além dos atributos naturais da região, questões de segurança também eram argumentos recorrentes. Nesse sentido, por serem cidades interiores, foram sugeridas as cidades mineiras de Paracatu, em 1823, e São João del Rei, em 1849, e a cidade de Formosa, no planalto goiano.

José Bonifácio de Andrada foi o maior defensor da transferência da capital No Brasil Império. Sugeriu a região do planalto mineiro, especificamente a cidade de Paracatu; recomendou meios para a construção da capital e propôs o nome da nova capital: Petrópolis ou Brasília.

Com a Proclamação da República, em 1889, a interiorização transforma-se em preceito constitucional. Em seu artigo 3º, a Constituição estabelecia: *Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km<sup>2</sup>, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se, a futura capital federal.*

Em cumprimento a essa determinação, Floriano Peixoto constituiu, em 1892, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, com a finalidade de demarcar a área do futuro Distrito Federal.

Essa comissão foi a primeira iniciativa oficial do governo brasileiro no sentido de concretizar a mudança da capital. Liderada pelo astrônomo Luiz Cruls, era formada por geógrafos, médicos, botânicos, higienistas, geólogos, naturalistas e engenheiros.

A Missão Cruls, como ficou conhecida a comissão, realizou seus trabalhos de 1892 a 1894. Identificou a zona pré-definida, demarcando uma área de 14.400 Km<sup>2</sup>, que incorporava áreas de antigas fazendas do estado de Goiás, pertencentes às cidades de Planaltina e Luziânia.

Obtém-se então o primeiro mapa do Brasil no qual aparece no Planalto Central o “Quadrilátero Cruls”, área retangular que recebeu, oficialmente e pela primeira vez, a expressão “Distrito Federal”.

Entre os estudos realizados pela Missão Cruls, como clima, topografia, fauna, flora, encontram-se os dos cursos d’água de vários rios, entre eles o Rio Paranoá, denominado, no Relatório da Comissão, Paranauá.

Os recursos hídricos da área definida foram um dos elementos que chamaram a atenção da comissão, especialmente na parte Centro-Sul do quadrilátero, e a levou a indicar essa área como a mais apta a sediar a capital federal.

Luis Cruls foi designado para presidir a Comissão de Estudos da Nova Capital da União, conhecida como a Segunda Missão Cruls. Fez estudos mais detalhados da área do quadrilátero, relativos ao clima, águas da região, opções de comunicação com o litoral, levantamento topográfico. O objetivo era escolher o local definitivo para a edificação da capital.

A área escolhida foi a planície circundada pelos rios Torto e Gama. Essa área se localiza a cerca de cinco quilômetros de onde se encontra, atualmente, o Cruzeiro de Brasília, próximo ao Memorial JK.

A. Glaziou, naturalista e botânico, foi quem fez as primeiras referências sobre a formação de um lago em torno da futura capital. Chama atenção para dois aspectos da planície: a possibilidade de já ter existido um lago e a possibilidade de criação de um novo lago, a partir da construção de uma “barragem”, aproveitando as qualidades que a área oferece.

Os trabalhos da Segunda Missão Cruls foram até 1896. Com a saída de Floriano Peixoto, as idéias de mudança da capital, no que diz respeito às ações do poder executivo, foram paralisadas. Os levantamentos e resultados apontados pela comissão serviriam como referência para estudos futuros.

Em 1922, ano do Centenário da Independência do Brasil, houve, no dia 7 de setembro, o lançamento da Pedra Fundamental da futura capital, assentada no Morro do Centenário, Serra da Independência, a 9 quilômetros de Planaltina (na época, cidade do estado de Goiás).

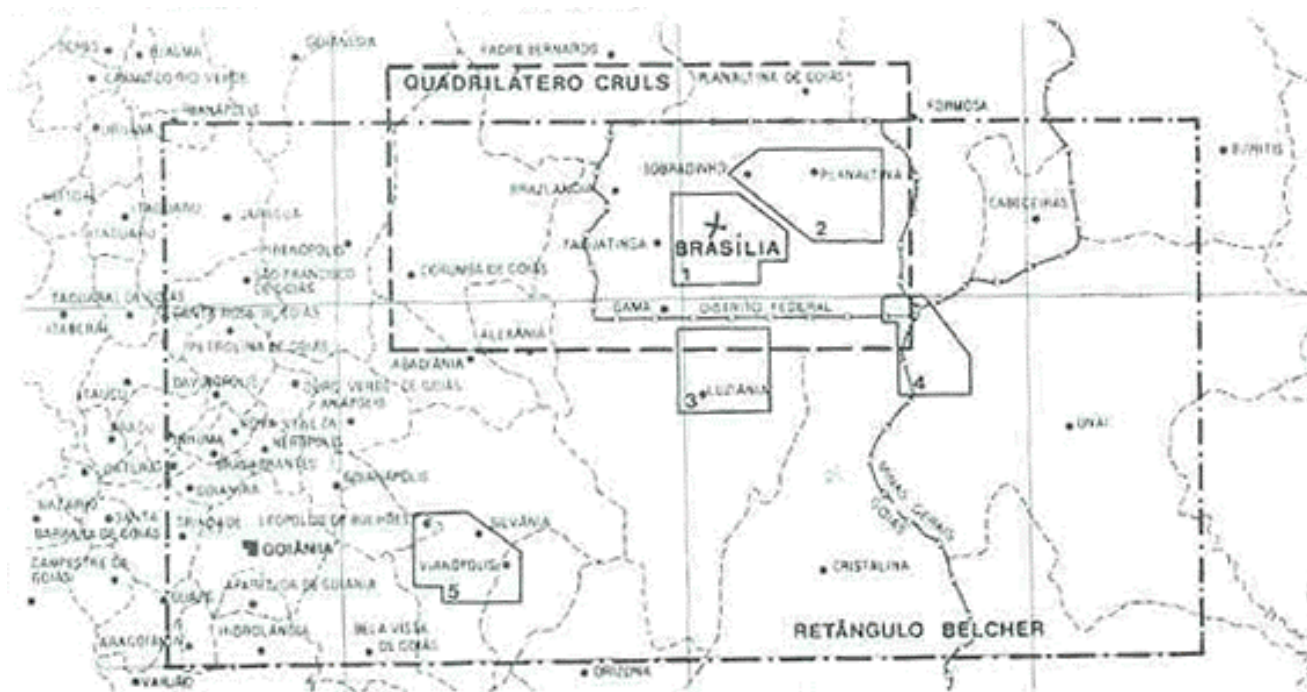
Os estudos só foram retomados em 1946, quando as idéias mudancistas tomaram novo fôlego. Nesse ano, foi nomeada pelo presidente Eurico Dutra a Comissão Técnica de Estudos de Localização da Nova Capital, chefiada por Djalma Poli Coelho.

Após dois anos de estudos, pesquisas e debates, a comissão reforçou a escolha da área identificada pela Missão Cruls, mas nenhuma medida prática foi tomada.

No final de 1952, o Congresso Nacional aprovou lei que previa a realização de estudos definitivos para a escolha de um sítio no Planalto Central, para a edificação da nova capital brasileira.

No Governo Café Filho, foi criada a nova Comissão de Localização da Nova Capital Federal. Essa comissão também confirmou a área identificada pelas comissões Cruls e Poli Coelho.

Figura 1 - Demarcações do DF e os sítios



Legenda: 1-Sítio Castanho; 2-Sítio Verde; 3-Sítio Azul; 4-sítio Vermelho; e5-Sítio Amarelo.

Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 26).

Dos trabalhos realizados por ela, encontram-se os estudos feitos pela firma americana Donald Belcher & Associates, que, no seu detalhado “Relatório Belcher”, recomenda cinco sítios para a instalação da nova capital: Castanho, Azul, Verde, Vermelho e Amarelo, cada um com mil quilômetros quadrados.

Em 1955, após estudos mais detalhados nos cinco sítios, fica definido o Sítio Castanho como o mais apropriado para receber a capital.

A desapropriação do trecho relativo ao Sítio Castanho ocorreu por iniciativa do Governo de Goiás.

O edital para o concurso do plano urbanístico de Brasília foi lançado em setembro de 1956. O plano de Lúcio Costa foi julgado o mais adequado ao contexto da mudança da capital.

De acordo com Carpintero (1998, p.117), para Lúcio Costa, Brasília teria o sentido de cidade viva e aprazível, não apenas de monumento nacional, símbolo de poder e exposição de arquitetura. No Relatório do Plano Piloto de Brasília, ele observa que ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher as funções vitais de uma cidade moderna qualquer, não apenas como “urbis”, mas como “civitas”, possuidora dos atributos inerentes a uma capital.

Em abril de 1957, foram armadas barracas e construídas as primeiras casas de madeira na Cidade Livre. Em 1959 cerca de 60.000 homens trabalham na construção da cidade.



Nucleo Bandeirante - 1-4-1957



Nucleo Bandeirante - 1-4-1958

Fonte: Souvenir de Brasília.

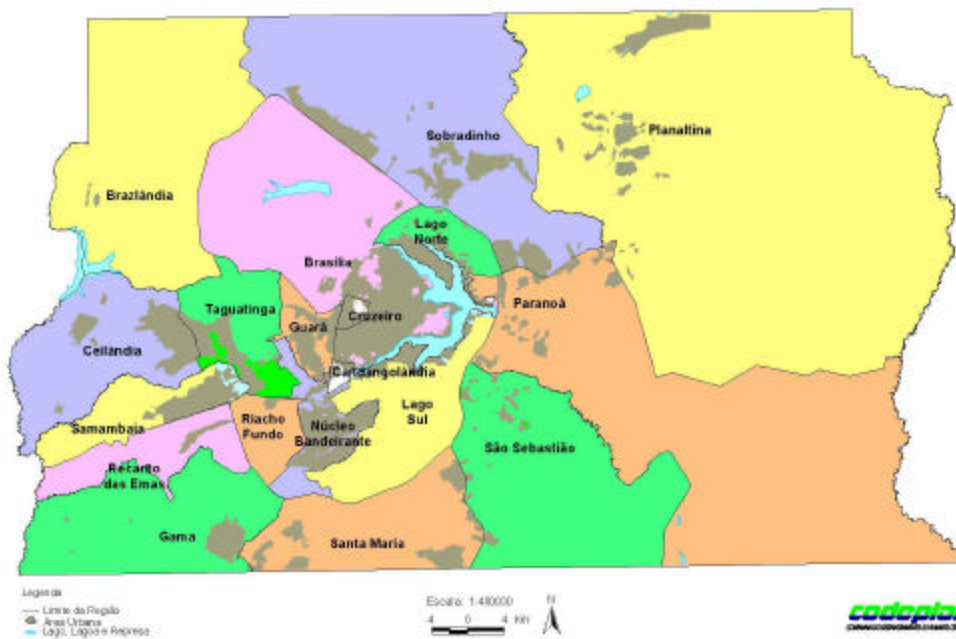


Em 21 de abril de 1960, Brasília é inaugurada pelo Presidente Juscelino Kubitschek.



Monumento ao Candango – Homenagem aos operários da construção de Brasília.  
Fonte: Brascard Edições de Postais.

### Regiões Administrativas do Distrito Federal



Fonte: Guia Oficial de Brasília/Codeplan, 1999.

### 3.2 – CRONOLOGIA HISTÓRICA

1749	O cartógrafo italiano Francisco Colombina elabora a "Carta de Goiás e das Capitanias Próximas", sugerindo a mudança da capital do litoral para o Planalto Central.
1761	O Marquês de Pombal, por motivos políticos, lança a idéia de erguer uma nova capital de Portugal no sertão, no caminho entre a África e as Índias
1763	A capital do Governo Colonial é transferida de Salvador para o Rio de Janeiro
1789	Os inconfindentes associam a luta pela independência do Brasil à mudança da capital do Rio de Janeiro para a cidade mineira de S. João Del Rey.
1813	Exilado em Londres, onde o <i>Correio Braziliense</i> é editado, o jornalista Hipólito José da Costa escreve diversos artigos com a idéia de erguer uma nova capital no interior, visando à mobilizar a opinião pública.
1823	José Bonifácio apresenta projeto para mudança da capital e sugere o nome "Brasília".
1831	É encaminhada a primeira proposição em forma de projeto legislativo para a "escolha de um ponto central do País para a edificação da futura Capital".
1839	O Visconde de Porto Seguro, historiador Francisco Varnhagen, apresenta sugestão de erguer a nova capital no planalto de Formosa, em Goiás.
1852	O Visconde de Albuquerque apresenta projeto de lei que autoriza o levantamento de um terreno, nas latitudes entre 10 e 15 graus, destinado à localização da futura "Capital do Brasil", entre os rios São Francisco, Maranhão e Tocantins.
1853	O segundo Marquês de Paranaguá apresenta projeto transferindo a capital do Rio de Janeiro para Monte Alto, no interior da Bahia.
1883	<b>Na Itália, o padre salesiano Dom Bosco fala de um sonho:</b> na América Latina, entre os paralelos 15° e 20°, surgiria uma grande civilização, a Terra Prometida. Foi onde se daria construção de Brasília
1889	Proclamação da República Federativa do Brasil
1891	A primeira Constituição da República estabelece em seu artigo 3º: "Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.440 km <sup>2</sup> , que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal".
1892	Florian Peixoto constitui a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo astrônomo Luís Cruls, para estudar e demarcar a área do Distrito Federal: é a chamada Missão Cruls.
1893	Editado mapa do Brasil com retângulo no planalto de Goiás com a inscrição "Futuro Distrito Federal"
1894	A Missão Cruls demarca uma área de 14.400 km <sup>2</sup> considerada adequada para a futura capital, o "Quadrilátero Cruls".
1896	Fim dos trabalhos da segunda Missão Cruls Saída de Florian Peixoto da presidência e paralisação de ações para mudança da capital.

1922	No dia 7 de setembro, é colocada a pedra fundamental da futura capital a 9km da cidade de Planaltina, Goiás, no centro geodésico da América Latina (perímetro do atual Distrito Federal).
1946	Eurico Dutra nomeia a Comissão de Localização da Nova Capital
1952	Congresso Nacional aprova lei p/ realização de estudos p/escolha definitiva de um sítio no Planalto Central p/ edificação da nova capital.
1955	<p>É assinado em 30 de abril decreto desapropriando terras no planalto central e considerando-as de utilidade pública para a edificação da nova capital.</p> <p>Em comício na cidade de Jataí - GO, o candidato à presidência da república Juscelino Kubitschek, respondendo à pergunta de um eleitor, promete que, se eleito, transferirá a capital para o Planalto Central.</p> <p>A Comissão de Localização da Nova Capital Federal escolhe o local onde será construída Brasília - o "Sítio Castanho", um dos 5 sítios de 1.000 km<sup>2</sup> indicados pela firma americana Donald Belcher como os mais adequados para construção da nova capital.</p>
1956	<p>Juscelino encaminha ao Congresso a "Mensagem de Anápolis", propondo, entre outras medidas, a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (a futura NOVACAP) e o nome de Brasília para a nova capital.</p> <p>O Congresso aprova por unanimidade a transferência da capital, que se converte na Lei nº 2.874.</p> <p>Lançado o edital do concurso do plano urbanístico de Brasília. O edital foi publicado no Diário Oficial de 30/09/56. Vence o urbanista Lúcio Costa</p> <p>Iniciam-se as obras de construção da residência presidencial provisória, o Catetinho, concluído em 31/10/56.</p>
1957	<p>Construções como as do primeiro aeroporto e do Palácio da Alvorada já haviam iniciado; ou seja, a construção de Brasília inicia-se em 56; a do Plano Piloto, já seguindo o projeto de Lúcio Costa, em 57. Surgem as primeiras casas de madeira na Cidade Livre</p> <p>No dia 7 de maio é rezada a primeira missa, na presença de cerca de 15.000 pessoas.</p> <p><b>É construída a Ermida Dom Bosco.</b></p>
1958	Foi fundada Taguatinga (embora tenha sido criada como "a 1ª cidade-satélite", já existia na época a "Cidade Livre", atual Núcleo Bandeirante).
1960	<p><b>Em 21 de abril, Brasília é inaugurada.</b> Durante a missa comemorativa é lida mensagem do Papa João XXIII. Na instalação do Congresso o dep. Ranieri Mazzili diz: "Mais do que um milagre da vontade humana, Brasília é um milagre da fé."</p> <p>Em 30 de agosto, 77º aniversário do sonho de D. Bosco, os salesianos inauguraram o Colégio D. Bosco, primeiro colégio de Brasília, destinado aos filhos dos operários da construção da capital.</p>
1962	<p>Inaugurada oficialmente a Universidade de Brasília – UnB -, cujo <i>campus</i> foi batizado com o nome do seu primeiro reitor, Darcy Ribeiro.</p> <p>Em 10 de junho, D. Bosco é proclamado segundo Patrono de Brasília, juntamente com a Virgem de Aparecida, padroeira da cidade.</p>

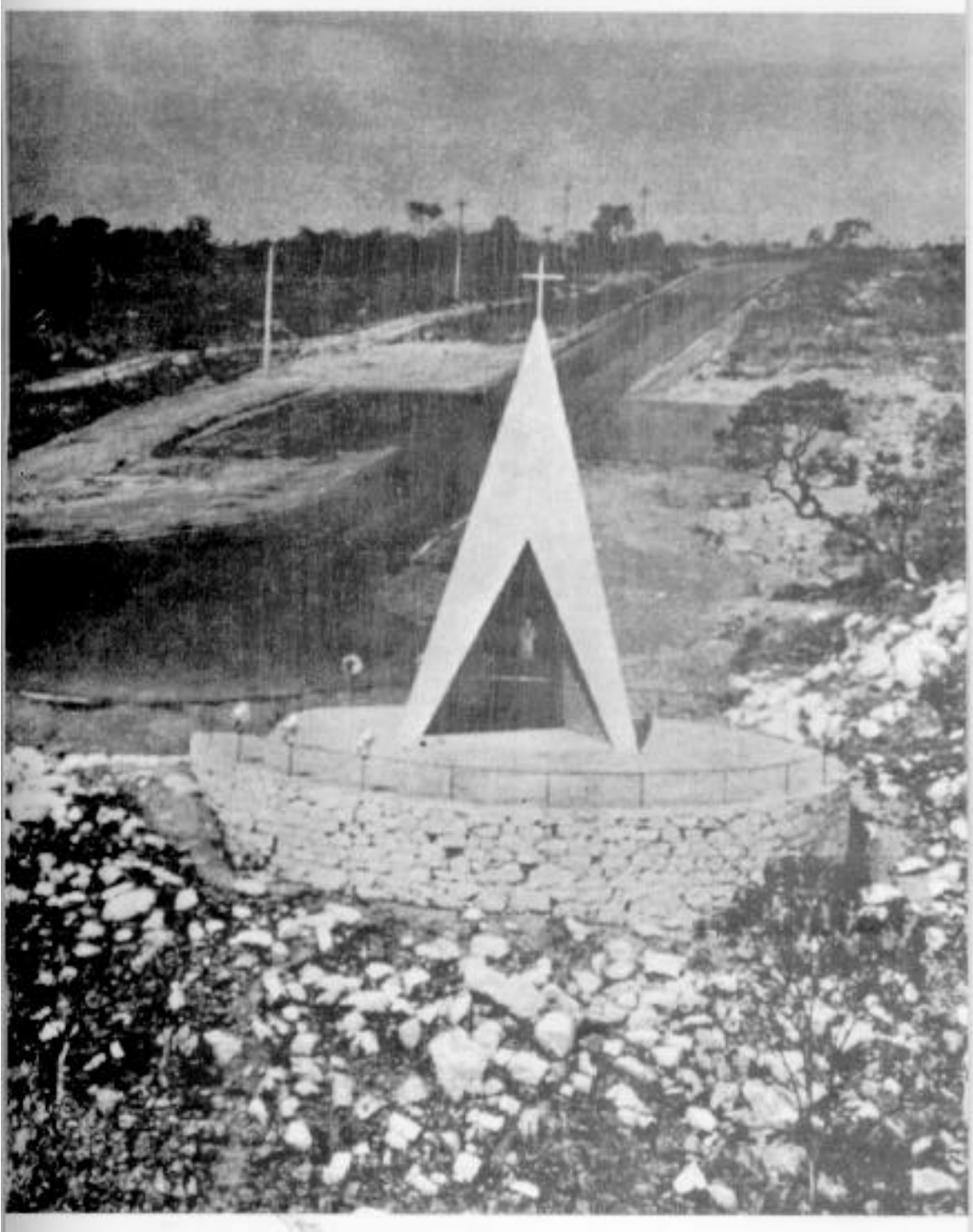
1965	É organizado o 1º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, acontece até hoje, refletindo o pensamento plural da cidade.
1967	Inaugurada a Torre de TV, cujos desenhos originais são de Lúcio Costa.
1970	Após mais de dez anos de construção, é inaugurada a Catedral de Brasília.
1971	Inaugurada a 1ª etapa do Conjunto Nacional, o 1º "shoppingcenter" da cidade.
1978	Inaugurado o Parque Rogério Pithon Farias (atualmente "Parque Sarah Kubitschek", conhecido como Parque da Cidade).
1979	Nasce a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro
1980	O Papa João Paulo II inicia sua visita ao Brasil em Brasília; celebra missa na Esplanada dos Ministérios para cerca de 800.000 pessoas.
1981	É inaugurado o Memorial JK, museu em homenagem ao ex-presidente, que abriga seus restos mortais.
1984-	Brasília é palco de diversas manifestações a favor das eleições diretas para Presidência da República. Na aprovação da emenda, 5.000 pessoas cantam, emocionadas, o Hino Nacional nas galerias do Congresso.
1985	O <i>rock</i> leva Brasília ao cenário mundial. Bandas, como a Legião Urbana, vendem 1 milhão de discos. Além da música, ganham espaço poesia, teatro, cinema, artes plásticas.
1986	Inaugurado o Panteão da Liberdade, na Praça dos Três Poderes, homenagem a personagens históricos como Tiradentes, Zumbi dos Palmares e D. Pedro I.
	Brasília elege seus primeiros senadores e deputados federais
1987	<b>A cidade é tombada pela Unesco e registrada como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.</b>
1988	<b>A Ermida Dom Bosco é tombada como Patrimônio do Distrito Federal</b>
1990	Brasília elege seu primeiro governador e seus primeiros deputados distritais.
2000	Concluído o projeto do Centro Cultural, que inclui um museu, biblioteca, centro musical com capacidade de 2.000 pessoas, 11 salas de cinema e uma galeria que irá unir os dois lados da Esplanada.  A população do Distrito Federal supera 2 milhões de habitantes.

Elaboração da autora, baseada na publicação "Brasília, a Capital do Século 21" e no site de Areal, Augusto César, "A História de Brasília", disponível em: <http://www.infobrasilia.com.br>, entre outros.

---

## **CAPÍTULO 4 – A ERMIDA DOM BOSCO**

#### 4.1 – O Monumento<sup>4</sup>



Fonte: Tamanini (1997, p. 83).

Ermida: 1 - “Capela fora do povoado” 2- “Pequena igreja”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> As informações contidas neste item baseiam-se em Tamanini (1997), documentação da Secretaria da Cultura e no livro ‘Olhares sobre o Lago Paranoá’, p.40.

A Ermida Dom Bosco foi erguida entre os paralelos 15° e 20°, local onde estaria D. Bosco em seu sonho que anteviu a construção da capital no Planalto Central. Às margens do Lago Paranoá, foi projetada por Oscar Niemeyer para ser uma homenagem ao visionário de Brasília.

Foi uma das primeiras obras realizadas pela NOVACAP<sup>6</sup>, no início da construção de Brasília, sendo a primeira obra em alvenaria. Foi concluída em 31 de dezembro de 1956 e inaugurada em 24 de março de 1957, com a celebração de uma missa. É o primeiro templo religioso de Brasília construído em caráter definitivo.

Como definido, a palavra ermida identifica pequenas capelas construídas fora dos povoados, solitárias e humildes. Niemeyer expressou essa humildade e solidão ao desenhá-la: pirâmide triangular esguia, aberta de um lado, com 5m de base e 10 m de altura, encimada por uma cruz de grande leveza. No seu interior, um pequeno suporte de pedra e sobre ele a imagem do santo.

Com o tempo, a imagem feita de gesso e ofertada pelos salesianos deteriorou-se e foi substituída. Em agosto de 1957, o Pe. Renato Ziggotti, visitando o Brasil, celebrou missa na Ermida, ocasião em que prometeu mandar da Itália uma imagem para substituir a de gesso. Esculpida em mármore de carrara pelos irmãos Arreghini, de Pietra Santra – Itália, essa é a imagem que se encontra até hoje no interior da Ermida.

A Ermida está construída sobre uma plataforma de lajes, em uma elevação às margens do Lago Paranoá, com sua abertura triangular voltada para a cidade, propiciando visão privilegiada do Plano Piloto, onde se destacam o Palácio da Alvorada, o Eixo Monumental e a Esplanada dos Ministérios.

---

<sup>5</sup> Dicionário da Língua Portuguesa – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

<sup>6</sup> Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil



Foto da autora-Fev/04.

Foi tombada como patrimônio do Governo do Distrito Federal em 2 de março de 1988 por meio do Decreto nº 11.032 do GDF, que prevê a proteção do templo extensiva ao seu entorno, abrangendo uma área circular com raio de 100 m, a partir da construção original.

Em junho de 1999, foi inaugurado o Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco, criado para assegurar a proteção do monumento.





Vista do Parque da Ermida Dom Bosco

Foto da Comparques

## 4.2 – ASPECTOS MÍSTICOS E RELIGIOSOS<sup>7</sup>

Segundo Deis Siqueira (2003, p. 8),

*“Brasília nasceu a partir de dois grandes mitos de criação: a Cidade Utópica e a Terra Prometida. O primeiro está inscrito no planejamento urbano e na arquitetura futurista do Plano Piloto. Os fundadores da cidade estavam imbuídos no sonho e da missão de inaugurar um novo tempo e uma nova civitas para um Brasil fundado no belo, na igualdade e na universalidade. Este mito converge com um outro, místico, referenciado nas profecias de Dom Bosco”.*

Brasília nasceu de um sonho, a partir de um ideal do ex-presidente Juscelino Kubitschek, que declarou, em 1955, seus planos de construção da nova capital.

---

<sup>7</sup>Informações baseadas no “Guia de Informações Sócioeconômicas do DF”.(Codeplan,1999)

Em 1883, o santo italiano São João Bosco teve a visão da "terra prometida": *“Entre os paralelos 15° e 20° quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes aparecerá aqui a terra prometida, onde jorrará leite e mel e será uma riqueza inconcebível”*, garantiu, em tom profético.



Santuário Dom Bosco

Foto de Fernando Albuquerque.

Também o vidente italiano Pietro Ubaldi, em 1935, identificou Brasília como o berço da nova civilização do terceiro milênio. Envolvida em um clima de presságios e intuições, a construção de Brasília, para os estudiosos, foi orientada por mentores espirituais com o intuito de transformá-la na Capital do Terceiro Milênio.

Muitos videntes apregoam que a cidade é um centro irradiador de poder e energia. Os teósofos acreditam na formação da próxima civilização de Aquarius em Brasília, com o conseqüente aperfeiçoamento da humanidade. Os ufólogos, confiantes na comunicação extraterrena, consideram-na um ponto privilegiado para a comunicação com os extraterrestres.

Segundo a egiptóloga Iara Kern, os cartões postais da cidade se reportam a paisagens do Egito Antigo. Para ela, os monumentos em Brasília estão relacionados aos números e letras da Cabala Hebraica e do Tarô Egípcio.



Templo da Legião da Boa Vontade.

Fonte: Setur/DF.



Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha).

Fonte: Setur/DF.

A aura de misticismo ganha mais força com pesquisas sobre as coincidências arquitetônicas e estruturais entre Brasília e civilizações antigas, como o Egito. A sede da Companhia Energética de Brasília (CEB), no início da Av. L2 Norte, é, para muitos, a cópia fiel da pirâmide Sakara, construída na terceira dinastia do antigo Egito. O Teatro Nacional, com sua arquitetura, disposição e ornamentação irregulares, apresenta 36 formas piramidais egípcias. Alguns vêem no desenho do Plano Piloto o pássaro sagrado egípcio Ibis. Assim,

para essas pessoas não há como negar coincidências nas formas e estruturas dos monumentos de Brasília.



Teatro Nacional

Foto de Fernando Albuquerque

Pode-se acreditar ou não na veracidade de tais afirmações. O fato é que esses enigmas contribuíram para atrair místicos, sensitivos e crentes das mais diversas religiões para o centro eclético que é Brasília. A quantidade de templos dos mais distintos credos, as atrações turísticas, que fascinam turistas e moradores, reforçam a idéia da capital ter sido predestinada por forças desconhecidas.

Diz ainda Siqueira (ibidem, p.9)

*O fato é que a profecia do Santo foi se materializando. O mito se transformou em lenda e esta vem se tornando realidade. Porque na Capital e na região há um número cada vez maior de pessoas e de grupos místico-esotéricos tentando construir uma nova consciência religiosa, ancorada na busca do auto-conhecimento e do auto-aperfeiçoamento, na construção de uma nova visão, holística, do mundo. O básico desta nova consciência é composto por elementos cristãos e elementos gestados em outras tradições religiosas: cósmicos (energia universal, forças cósmicas ou unidade do cosmos); elementos de um eu sublimado (eu superior, eu maior, eu crístico) e valores reificados, como amor, liberdade, além das noções de carma, ecumenismo, energia e holismo.*



Fundação Cidade da Paz.

Fonte: Setur/DF.



Vale do Amanhecer.

Fonte: Setur/DF.

A Ermida Dom Bosco, com construção semelhante a das pirâmides egípcias, identifica-se com essas características, envolvendo-se na áurea mística que permeia a cidade.

#### 4.2.1 – O Sonho de Dom Bosco<sup>8</sup>

*“Na noite em que precede a festa de Santa Rosa de Lima<sup>9</sup> eu tive um sonho”.*

Assim Dom Bosco começou a contar, em uma reunião da assembléia geral da Congregação Salesiana, um de seus sonhos mais famosos. Era o dia 4 de setembro de 1883, quase dois meses após a chegada dos primeiros salesianos no Brasil, em Niterói, no dia 14 de julho.

*“Percebi que estava dormindo e parecia-me, ao mesmo tempo, correr a toda velocidade, a ponto de me sentir cansado de correr. (...) Enquanto hesitava se era sonho ou realidade, pareceu-me entrar em um salão onde se encontravam muitas pessoas falando de assuntos diversos (...)”.*

*Neste momento aproximou-se de mim um jovem de dezesseis anos, amável e de beleza sobre-humana, (...) dizendo:*

*\_ Venho em nome de Deus, mostrar-lhe o trabalho a ser realizado.*

*\_ Vejamos de que se trata. Que trabalho é este?*

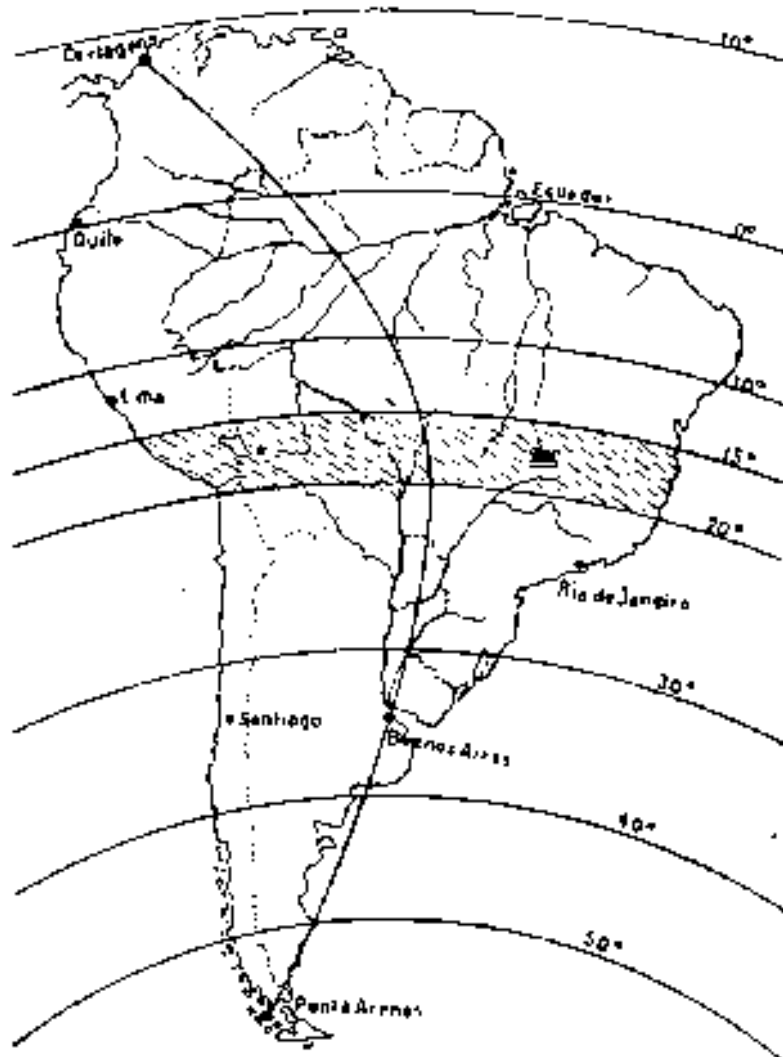
*\_ Sente-se a esta mesa e puxe esta corda.*

---

<sup>8</sup> Extraído da publicação dos salesianos “O Sonho de Dom Bosco” e do site: <http://www.paroquia.saojoaobosco.com.br/dombosco>

<sup>9</sup> 30 de agosto

No meio do salão havia uma mesa sobre a qual havia uma corda enrolada. Notei que essa corda estava marcada com linhas e números, como se fosse uma fita métrica. Percebi mais tarde que o salão estava situado na América do Sul, exatamente sobre a linha do Equador e que os números marcados na corda correspondiam aos graus geográficos de latitude. (...)



*Eu via tudo em conjunto, como se fosse uma miniatura. Depois, como direi, pude ver tudo em sua real grandeza e extensão. Foram os graus marcados na corda, correspondendo exatamente aos graus geográficos de latitude, que me permitiram gravar na memória os pontos sucessivos que visitei, viajando na segunda parte do sonho.*

*Meu jovem amigo continuou:*

*\_ Pois bem, essas montanhas são como balizas, são um limite. Entre elas e o mar está a seara oferecida aos Salesianos. São milhares, são milhões de habitantes que esperam seu auxílio e aguardam a fé.*

*Aquelas montanhas eram as cordilheiras da América do Sul e o mar era o Oceano Atlântico. Eu ia pensando que para se conseguir isso seria preciso muito tempo. Exclamei então em voz alta:*

*\_ Não sei o que pensar!*

*\_ Isto acontecerá antes que passe a segunda geração, ajuntou o jovem, como que lendo meus pensamentos.*

*\_ E qual será a segunda geração? Perguntei.*

*\_ A presente não conta. Será uma outra, depois outra.*

*\_ E quantos anos compreende cada geração?*

*\_ Sessenta anos.*

*\_ E depois?*

*\_ Quer ver o que acontecerá depois? Venha cá.*

*Sem saber como, vi-me numa estação ferroviária. Havia muita gente. Embarcamos. Perguntei onde estávamos. O jovem respondeu:*

*\_ Note bem, observe! Viajaremos ao longo da Cordilheira. (...) Assim dizendo tirou do bolso um mapa onde vi assinalada a diocese de Cartagena. Era o ponto de partida.*



*Enquanto olhava o mapa, a locomotiva apitou e o comboio pôs-se em movimento. Meu amigo falava muito, mas eu não conseguia entender tudo por causa do barulho do trem. Aprendi, no entanto, coisas belíssimas e inteiramente novas sobre astronomia, náutica, meteorologia, sobre a fauna, a flora e a topografia daqueles lugares, coisas que ele me explicava com precisão maravilhosa.*

*la olhando através das janelas do vagão e contemplava regiões espetaculares. Bosques, montanhas, planícies, rios tão grandes e majestosos que eu mal acreditava pudessem ser tão caudalosos, longe que estavam da foz. Por mais de mil milhas fomos percorrendo as bordas de uma floresta virgem e inexplorada. Meus olhos tinham uma potência visual surpreendente, não encontrando obstáculos que o impedissem de estender-se por todas aquelas regiões. Não só as cordilheiras, mas também as cadeias de montanhas isoladas naquelas planuras intermináveis eram por mim contempladas (o brasil?).*

*Eu enxergava nas vísceras das montanhas e nas profundas da planície. Tinha debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis desse solo, que um dia serão descobertas. Via florestas nunca visitadas, via plantas, animais; numerosas minas de metais preciosos, filões inesgotáveis de carvão de pedra, petróleo, chumbo, cobre, ferro, prata e ouro. Estão reunidas naquelas montanhas, nos locais onde foram colocadas pela mão onipotente do criador, para benefício dos homens.*

***Mas ainda não era tudo. Entre os graus 15 e 20, existia enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. E então uma voz me disse, repetidamente: “Quando se vier a cavar as minas ocultas no meio destes montes, aparecerá aqui a Terra Prometida, que vai jorrar leite e mel. Será uma riqueza inconcebível’.”***

*E a viagem continuava ao longo da Cordilheira, rumo ao sul, mostrando as regiões da Bacia do Prata, dos Pampas e da Patagônia, até o estreito de Punta Arenas. Eu olhava tudo (...).*

*O sonho tinha durado a noite toda”*

#### 4.2.2 – Interpretações do Sonho

A publicação o “Sonho de Dom Bosco”, dos salesianos, traz algumas considerações sobre o sonho, relatadas pelo padre Décio Teixeira, diretor do Instituto Israel Pinheiro:

Sobre o Tempo – *“- Isto acontecerá antes que passe a segunda geração. E qual será a segunda geração? A presente não conta. Será uma outra, depois outra. E quantos anos compreende cada geração? Sessenta anos”*.

Interpretando-se as palavras proféticas do jovem, atribui-se a 2039 a data final para a realização de tudo descrito no sonho, do surgimento de toda riqueza visualizada. A primeira geração da Congregação dos Salesianos teve início em 1859. Segundo a determinação do guia, essa geração não deve ser contada. A próxima teve início sessenta anos depois, em 1919, estendendo-se até 1979. A partir daí, no período de 1979 a 2039 é que seria a efetiva segunda geração, quando surgiria grande riqueza.

Sobre o Lugar – O cenário descrito no sonho, segundo o jovem guia, é a seara oferecida aos salesianos entre a Cordilheira da América do Sul e o mar. Depois, ele delimita ainda mais um determinado espaço, situando-o entre os paralelos 15º e 20º.

Dom Bosco localizou a “Terra Prometida” na faixa compreendida pelos paralelos 15º e 20º, entre a Cordilheira dos Andes e o Oceano Atlântico, exatamente onde se instalou a capital do Brasil.

Sobre o Evento Anunciado – O tema central do sonho é o futuro missionário da Congregação Salesiana na América do Sul. Mas em sua viagem pelo continente, Dom Bosco viu também rios caudalosos e florestas imensas, minas de ouro e pedras preciosas, depósitos de petróleo. E, exatamente entre os paralelos 15º e 20º, entre os Andes e o Atlântico, uma voz revelou repetidamente que *“aparecerá aqui a terra prometida que vai jorrar leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.”*

E aqui, surge a questão: Dom Bosco sonhou Brasília?

Segundo a citada publicação, na linguagem simbólica utilizada pela voz, percebe-se uma alusão ao surgimento da nova capital, já que, no período e no espaço delimitados pelo sonho, nenhum outro acontecimento teve tanta repercussão no progresso e na riqueza de um país como a construção de Brasília.

Lourenço Tamanini (1997, apud Marques) afirma que, no sonho, o educador italiano jamais falou sobre a nova "Capital Federal no Planalto Central do Brasil" e que essa expressão fez parte de uma estratégia política.

Segundo ele, o primeiro a mencionar o sonho de Dom Bosco foi Monteiro Lobato em 1935 no Diário de São Paulo, em matéria com o título "Até os santos afirmam que há petróleo no Brasil".

Em 1955, Segismundo Mello, assessor do então governador de Goiás e responsável pela elaboração de uma brochura a ser entregue a Israel Pinheiro, obteve do padre Cleto Calimam, da congregação salesiana, uma cópia do sonho, com sua tradução para o português.

Ao ler a tradução se decepcionou. O que havia no sonho, que talvez dissesse respeito à construção da capital no Planalto, resumia-se a um trecho não muito explícito: *"Entre os graus 15 e 20, aí havia uma enseada bastante extensa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Nesse momento disse uma voz repetidamente: "Quando se vierem a escavar as minas escondidas em meio a estes montes, aparecerá aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível"*.

Ao ser entrevistado por Tamanini, em 1982, o Padre Cleto conta que Segismundo lhe perguntou: – "Padre Cleto, aqui não está bem sintetizado o problema da futura capital; Dom Bosco se refere a riquezas incalculáveis e à formação de um lago. O senhor poderia dar um jeito para que a visão tivesse mais um sentido de cidade, de civilização?" Sua resposta foi a de que talvez pudesse fazer alguma coisa, mas as conseqüências seriam responsabilidade de Segismundo.

Segismundo decidiu que o texto seria reproduzido de acordo com o original, a fim de resistir a qualquer confronto, mas a brochura teria uma foto de Dom Bosco e na legenda se diria algo mais...

Na legenda então se escreveu, "São João Bosco, que profetizou uma civilização no interior do Brasil de impressionar o mundo, à altura do paralelo 15º, onde se localizará a nova Capital Federal".

E Lourenço Tamanini conclui: "Essa expressão, "uma civilização de impressionar o mundo", que não consta do sonho nem foi usada por Dom Bosco, acabou por se transformar na síntese "oficial" do sonho-visão, a ela se reportando expressamente, com pequenas variações, todos quanto ao sonho já se referiram, ligando-o à construção de Brasília".

#### **4.2.3 – Dom Bosco<sup>10</sup>**

Giovanni Melchior Bosco nasceu em 16 de agosto de 1815 em Becchi, perto de Turim, norte da Itália.

Era de família humilde de camponeses. Órfão de pai aos dois anos, viveu a sua mocidade e os primeiros estudos entre muito trabalho e dificuldades. Margarida, sua mãe, ensinou-lhe a ver Deus em tudo, principalmente entre os mais pobres.

Aos 9 anos, teve um sonho que marcou sua vida: um senhor majestoso e uma nobre senhora aconselham: "*Torna-te forte, humilde e robusto. A seu tempo, tudo compreenderás. Aprende com os saltimbancos dos circos ambulantes, dá espetáculo para seus colegas, conta-lhes histórias e conquista-lhes o coração. Leva todo mundo para a Igreja*".

Desde criança sentia a vocação do apostolado. Dizia: "*quando crescer quero ser sacerdote para tomar conta dos meninos. Os meninos são bons; se há meninos maus é porque não há quem cuide deles.*"

---

<sup>10</sup> Informações copiladas do site: <http://www.paraquia.saojoaobosco.com.br/dombosco>

Em 1835 entrou no seminário de Chieri. Aprendeu ofícios de alfaiate, ferreiro, encadernador, tipógrafo e outros. Em 5 de junho de 1841, foi ordenado sacerdote, em meio à revolução industrial.

Logo começou seu trabalho de educação de crianças, por influência de São José Cafasso, seu confessor. No dia 8 de dezembro desse mesmo ano, iniciou o seu apostolado juvenil em Turim.

Era o início da obra dos Oratórios Festivos, destinada à educação cristã da juventude, em especial a carente, preservando-a da ignorância e corrupção.

O que mais incomodava Dom Bosco eram as cadeias cheias de jovens. Os párocos de Turim viam o problema, mas esperavam que os garotos os procurassem. Dom Bosco foi ao encontro deles na rua, nos botequins, onde trabalhavam. Em meses, o oratório tinha 80 jovens.

Em 1846 estabeleceu-se definitivamente em Valdocco, bairro de Turim, onde fundou o Oratório de São Francisco de Sales. Ao Oratório juntou, em 1853, a primeira de uma série de escolas profissionais, depois um ginásio, um internato. Em 1855 deu o nome de Salesianos aos seus colaboradores. Em 1859 fundou, com os seus jovens salesianos, a Sociedade ou Congregação Salesiana. O internato do Oratório cresceu; em 1861, eram 800 meninos. Sua mãe vendia objetos de estimação para apoiá-lo em seu trabalho.

Com a ajuda de Santa Maria Mazzarello, fundou em 1872 o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, para a educação da juventude feminina. Em 1875, enviou a primeira turma de seus missionários à América do Sul. Foi ele quem mandou os salesianos para fundar o Colégio Santa Rosa, em Niterói, primeira casa salesiana do Brasil. Criou ainda a Pia União dos Cooperadores Salesianos.

Dom Bosco viveu, sobretudo, o modo evangélico de educar, pela Razão, Religião e Carinho, que passa à história com o nome de Sistema Preventivo. A alguém que lhe lembra tudo o que fez, responde: *“Eu não fiz nada. Foi Nossa Senhora quem tudo fez”*.

Morreu em 31 de janeiro de 1888, aos 72 anos, deixando esta recomendação: *“Amem-se como irmãos. Façam o bem a todos e o mal a ninguém. Digam a meus jovens que os espero no paraíso”*.

Por ocasião da sua morte, havia 14 escolas profissionais na Itália, França, Espanha e Argentina. Chegaram a 200 em todo o mundo.

Foi beatificado em 1929 e canonizado por Pio XI na Páscoa de 1934.

- A Congregação Salesiana

A Congregação Salesiana atua de modo especial com as crianças, os jovens e as classes populares.

São suas diretrizes gerais:

“Evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo em comunhão fraterna, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do Reino Definitivo”.

### **4.3 – ASPECTOS HISTÓRICOS**

Tamanini (1997) relata a seguinte história:

Israel Pinheiro foi o quinto filho de onze irmãos. Quando nasceu, seu pai, João Pinheiro, já tinha sido governador de Minas Gerais, nomeado pelo governo provisório da república, e deputado da 1ª Constituinte. Ao completar 12 anos, o pai governava o estado novamente, agora eleito presidente, como então se dizia. Dois anos depois, em 1908, João Pinheiro morreu.

Mesmo não sendo rico, João Pinheiro dava à família uma vida digna e tranqüila em Belo Horizonte. Mas a morte desorganizou tudo. Deixou muitos filhos, todos jovens. A viúva não tinha sequer uma casa. O povo mobilizou-se e ofereceu à família um palacete, na antiga Avenida da Liberdade, que depois recebeu o nome do presidente morto no cargo: Avenida João Pinheiro.

Nessa ocasião, os padres salesianos procuraram a viúva para se responsabilizarem pela educação de Israel; entretanto, um amigo da família ofereceu-se para pagar os seus estudos até a conclusão da universidade e por isso Israel foi estudar com os jesuítas, no colégio de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro.

Mas ele não se esqueceria do apoio dos salesianos e quando lhe coube a tarefa de construir Brasília, a primeira obra que ergueu foi a Ermida Dom Bosco, santo fundador da Congregação Salesiana. Assim, a construção da Ermida não foi somente uma homenagem ao santo por sua suposta visão de Brasília, mas, principalmente, um gesto de reconhecimento e gratidão.

Israel Pinheiro via uma alusão à nova Capital no “sonho profético” de Dom Bosco. A fim de colocar sob a proteção do santo os trabalhos da construção de Brasília e homenagear os salesianos, fez questão de empregar o primeiro ferro e cimento chegados ao canteiro de obras na construção da ermida. Alguns anos depois, reproduziu-a em escala menor na sua residência oficial de prefeito de Brasília, a Granja do Ipê.



CRUZEIRO - LOCAL DA PRIMEIRA MISSA DE BRASÍLIA CELEBRA 3-5-1957  
Fonte: Souvenir de Brasília.

Israel tentou também tornar D. Bosco padroeiro na nova capital, mas os bispos do Brasil decidiram que seria Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, também a padroeira de Brasília. D. Helder Câmara levou a Juscelino a palavra dos bispos e o presidente concordou.

No dia 10 de junho de 1962, em ato solene, juntamente com a Virgem de Aparecida, Dom Bosco foi proclamado segundo patrono de Brasília. Para muitos, entretanto, Dom Bosco é, por merecimento e por sua figura simbólica, o verdadeiro padroeiro da capital.

O historiador Jarbas Marques (2000) acrescenta aspectos pitorescos à definição da localização de Brasília e à construção da Ermida. Dando ênfase à articulação política e baseando parte do seu relato no livro de Lourenço Tamanini (1997), destaca a influência de políticos goianos na decisão.

De acordo com seu relato os goianos conheciam o poder dos mineiros e temiam que, na última hora, se conseguisse aprovar na Câmara uma emenda mandando construir Brasília em Minas Gerais, às margens do Paranaíba, na região de Tupaciguara, como queria o também mineiro, Israel Pinheiro.

Sabendo que Juscelino e Israel Pinheiro iriam à Exposição de Gado de Uberaba, os goianos reuniram-se com prefeitos e lideranças políticas, para "armar uma pequena operação de guerra".

A mídia de Uberaba, composta apenas por um jornal e uma rádio, ambos de propriedade de um amigo do governador de Goiás, foi neutralizada com a compra de todo o espaço do jornal e o tempo da emissora referente ao dia 30 de maio de 1956, data em que Juscelino estaria na cidade.

Venerando Borges, primeiro prefeito de Goiânia, vai até o hotel onde Israel Pinheiro se hospeda, levando o livro organizado por Segismundo Mello, cujo título era "A Nova Capital do Brasil - Estudos e Conclusões", com pronunciamentos de diversas personalidades brasileiras, todos favoráveis à localização da capital no planalto goiano. Na sua abertura estava o sonho visão de Dom Bosco.

Todos conheciam a devoção de Israel a Dom Bosco e a sua ligação com os salesianos. Por isso, acreditavam que se ele soubesse que Dom Bosco antevira o surgimento de Brasília no planalto goiano, apoiaria essa opção.

Quando Israel chega ao Hotel, o prefeito de Goiânia entra com ele no elevador, segurando o livro de maneira que Israel pudesse ver o título, "A Nova



Capital do Brasil". Quando Israel pede para vê-lo, Venerando Borges lhe dá um exemplar.

Com a entrega do livro, vence-se a última resistência e os goianos se tranqüilizam.

A construção da Ermida Dom Bosco teria sido, segundo Marques, incrementada pelos goianos, como forma de pressão para consolidar a decisão de se erguer a capital em Goiás.

#### 4.4 – A FESTA DE DOM BOSCO



Foto de Rui Faquini.

No último domingo de agosto, dia festivo mais próximo à data do famoso sonho, os brasilienses organizam, todos os anos, peregrinação à Ermida Dom Bosco, para recordar a visão do padre italiano Dom Bosco, que previu o nascimento de uma nova civilização na região onde foi construída Brasília. A festa se repete desde 1961 e já faz parte do calendário de eventos turísticos e religiosos da capital.

Nessa festa, é realizada missa campal em homenagem a Dom Bosco, patrono da cidade. Normalmente celebrada pelo arcebispo de Brasília, conta com a presença de populares, autoridades, religiosos, políticos, e com a participação especial de jovens que estudam nos colégios da Congregação Salesiana em Brasília.

Numa tenda armada no local, a imagem de Dom Bosco que fica na Igreja do Padre Roque, no Núcleo Bandeirante (primeira igreja feita em sua homenagem), é reverenciada pelos fiéis. Essa imagem é levada em procissão de carros ou motocicletas.



Missa Campal



Tenda armada para celebração da missa.

Fotos da autora.



Missa Campal

Foto da autora.

Com o tempo, ocorreram alterações na festa e diversas atividades foram incluídas. Há 14 anos, é realizada uma procissão náutica que conduz a imagem que fica no Santuário Dom Bosco até a Ermida, saindo do Clube Cota Mil. À noite, são realizados shows com bandas musicais, mais voltados para a juventude e sem caráter religioso.



Foto de Rui Faquini.



Foto de Rui Faquini.

Em agosto de 2003, foram comemorados os 120 anos do sonho-visão de Dom Bosco e o 43º aniversário do Lago Sul, região administrativa onde se situa a Ermida. A festa, como todos os anos, foi realizada no Parque da Ermida Dom Bosco.

A imagem do santo foi levada do Núcleo Bandeirante até o local por um grupo de motociclistas em procissão, o que marcou o início da festa.



Ciclistas participam da festa.

Foto de Rui Faquini.

O ato religioso, com quase duas horas de duração, foi celebrado pelo arcebispo de Brasília, Dom Geraldo Ávila e 12 padres auxiliares e, além da população e estudantes salesianos, contou com a participação do governador, da vice-governadora, secretários, políticos.

Nessa cerimônia, o governador disse que construirá uma igreja na Ermida e que o arquiteto Oscar Niemeyer foi convidado a fazer o projeto.

A missa terminou com a chegada do cortejo náutico, que conduzia a outra imagem de Dom Bosco. Cerca de cinquenta barcos enfeitaram o Lago Paranoá no início da tarde, repetindo a tradição. As embarcações levaram 1h45 para vencer a distância entre o clube Cota Mil, ponto de partida, e a Ermida.



Chegada do cortejo náutico.

Foto de Rui Faquini.

As embarcações mais animadas e bem decoradas receberam premiação. Algumas, inclusive a vencedora, apresentavam temas ecológicos e/ou relacionados à preservação do lago.



*“A idéia é enfeitar o barco e brincar bastante. O dia é de festa. Trago a família toda. É uma animação.”* (dupla premiação: decoração e animação).

Foto da autora.

Um público estimado em cinco mil pessoas participou do passeio náutico, missa, atividades e shows realizados na Ermida Dom Bosco, em festa que durou o dia inteiro, conforme programação anexa. Segundo relato de envolvidos, esse número é variável, tendo chegado a 13.000 pessoas em algumas ocasiões.



Atividades para crianças.



Ao fundo, palco onde os shows são realizados.

Fotos da autora





Tendas de informações de diversos órgãos do GDF e exposição da Caesb<sup>11</sup>



Algumas barracas de alimentação.

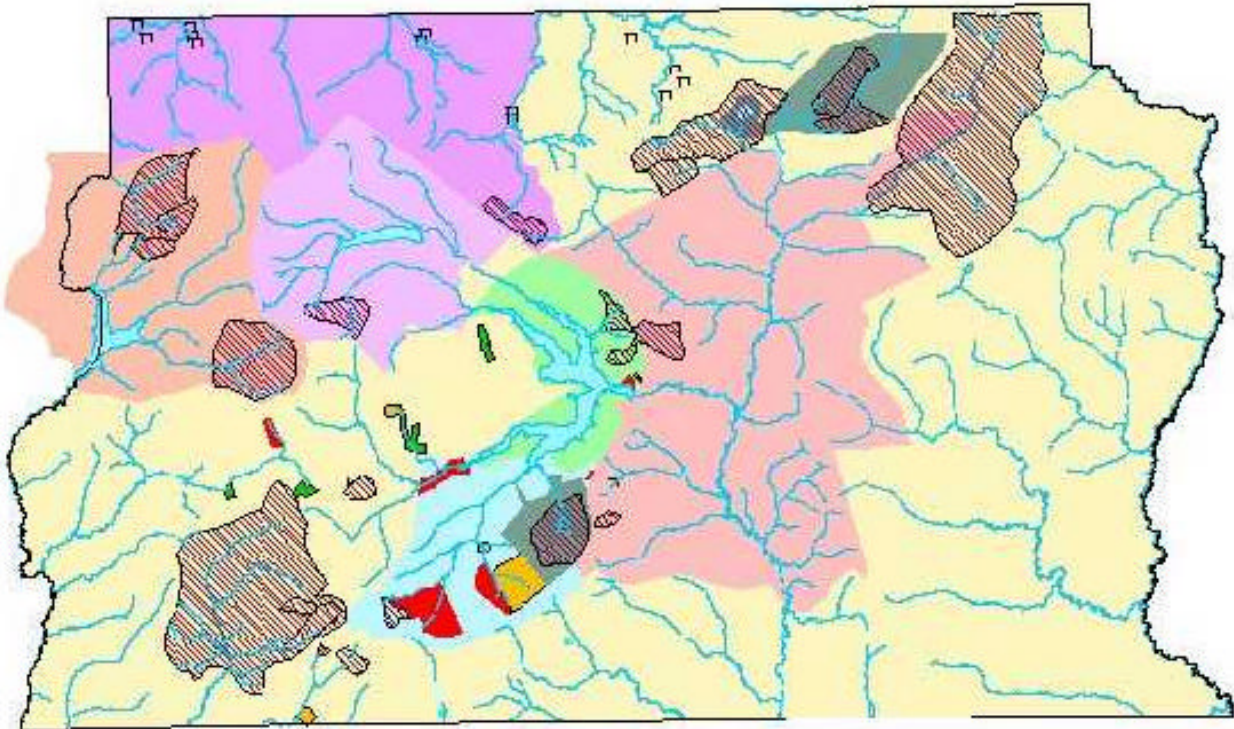
Fotos da autora.

---

<sup>11</sup> Companhia de Abastecimento e Saneamento de Brasília

## 4.5 – O PARQUE ECOLÓGICO E DE MULTIUSOS DA ERMIDA DOM BOSCO.

### 4.5.1 – A Área de Proteção Ambiental do Lago Paranoá – APA do Lago Paranoá<sup>12</sup>



#### Legenda

- Parque Nacional de Brasília
- APA de Cafuringa
- APA do Lago Paranoá
- APA do Rio Descoberto
- APA do Rio São Bartolomeu
- APA das Encostas do Gama e Cabeça de Veado
- Estação Ecológica
- ARIE
- Reserva
- Parque
- Manancial
- Sítio e Cachoeira
- Caverna
- Hidrografia
- Limite do DF
- Lago, Lagoa e Represa

Fonte : Mapa Ambiental do Distrito Federal - 1993  
SEMATEC - Escala: 1: 150.000

<sup>12</sup> Informações compiladas do livro "Olhares sobre o Lago Paranoá (2001, cap. II e III)

A APA do Lago Paranoá, onde o Parque da Ermida Dom Bosco está inserido, foi criada pelo decreto distrital 12.055 de 14 de novembro de 1989, com o objetivo de proteger parte da bacia hidrográfica do Lago Paranoá, ninhais de aves aquáticas, vegetação remanescente do cerrado e matas ciliares de córregos que deságuam no lago. Com cerca de 16 mil hectares envolve áreas urbanas do Plano Piloto, Paranoá, Lago Sul e Lago Norte.

A criação e a história da APA Paranoá relacionam-se com a do Lago Paranoá, que, não só tem sua criação e história relacionadas às de Brasília, como também está intrinsecamente ligado ao seu futuro e sobrevivência.

O Lago Paranoá, sonhado por Dom Bosco (o santo profetizou que, entre os paralelos 15 e 20 graus, *“havia uma enseada bastante extensa e bastante larga, partindo de um ponto onde se formava um lago”*), foi previsto no Relatório Cruls (1893), quando diz que “entre dois grandes chapadões existe imensa planície em parte sujeita a ser coberta pelas águas da estação chuvosa; onde outrora era um lago devido à junção de diferentes cursos de água, formando o Rio Paranoá”.

Em 1950, o Relatório Belcher, considerado o primeiro Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) realizado no Brasil, indicava o Rio Paranoá como o curso d’água da região mais adequado para a instalação de uma usina hidrelétrica, para a geração de energia da futura cidade, devido ao desnível existente entre a sua cabeceira e a foz.

O edital para o concurso do plano urbanístico de Brasília foi lançado em setembro de 1956. Além da proposta urbanística para a cidade, os concorrentes deveriam propor soluções que previssem o abastecimento de água e energia elétrica e outros serviços básicos à população. A existência de um lago artificial que circundava a nova capital era um ponto comum a todos os projetos que participaram do concurso.

No Relatório do Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa destaca a vocação natural do lago, associada ao lazer e paisagismo, reforçando o caráter bucólico que a área deveria ter. Seu projeto não previa adensamento populacional para as margens. A ocupação restringia-se a clubes esportivos e áreas de lazer, como restaurantes, balneários e núcleos de pesca. Para tanto, o urbanista previa que as

margens do lago fossem de livre acesso a todos, isto é, que fossem usufruídas por toda a população.



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p.159).

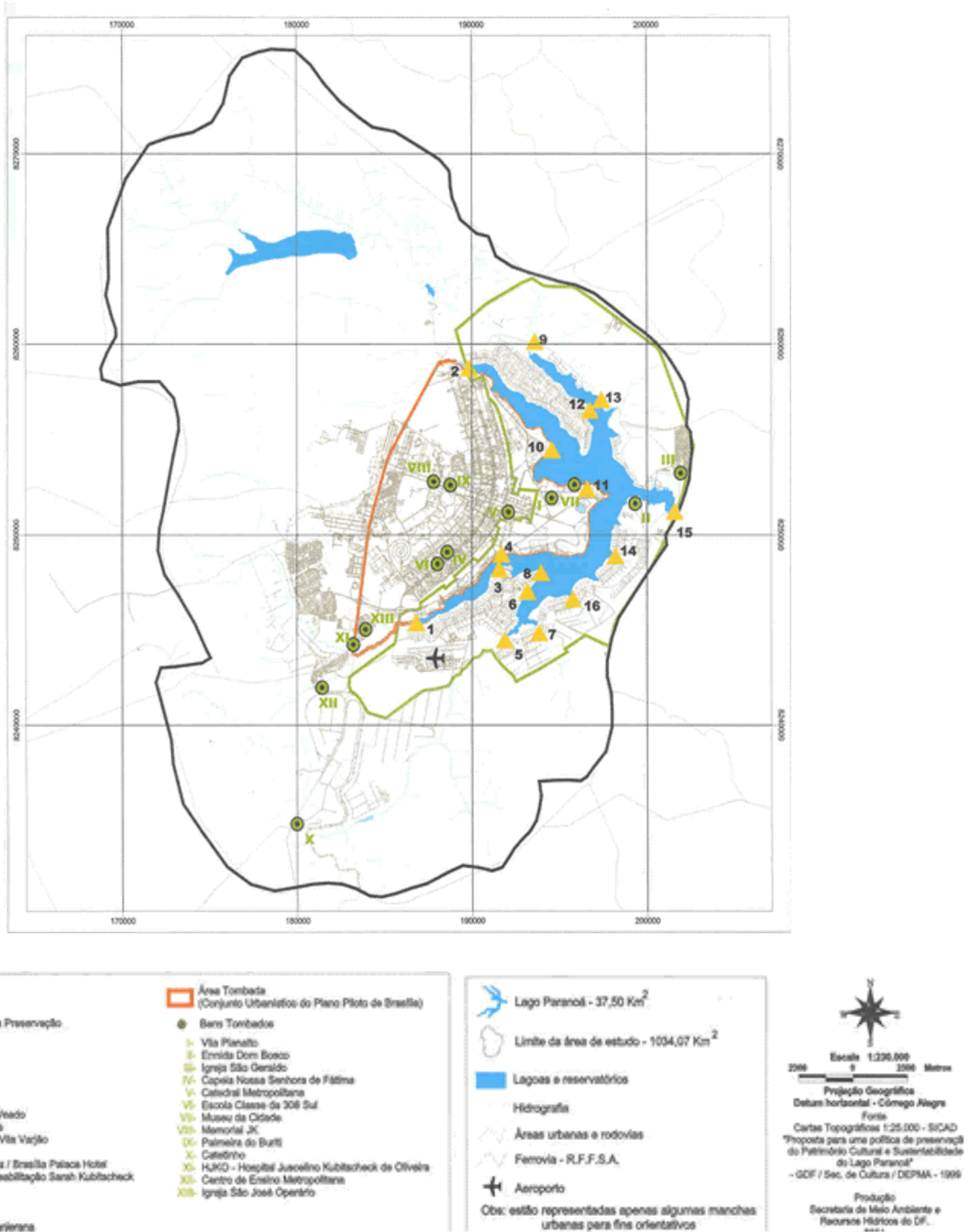
Foto de Aparecida Bueno Pinto.

Modificações introduzidas no plano original de Lúcio Costa invertem alguns desses princípios. As penínsulas, que não eram consideradas como de uso residencial, foram ocupadas dessa forma no início da construção de Brasília. O objetivo seria promover maior integração do lago com a cidade, que, segundo a Comissão Julgadora, teria sido pouco privilegiada por Lúcio Costa.

A ocupação, pelos proprietários desses lotes, das faixas previstas para livre acesso às margens, se torna um dos pontos cruciais das questões que envolvem o acesso ao lago.

Em 1960, o Lago Paranoá, com cerca de 80 km de perímetro, foi formado artificialmente pelo represamento do rio Paranoá, que recebe os afluentes Bananal e Torto, pelo lado norte e Vicente Pires, Riacho Fundo, Guará, Gama e Cabeça de Veado, pelo sul.

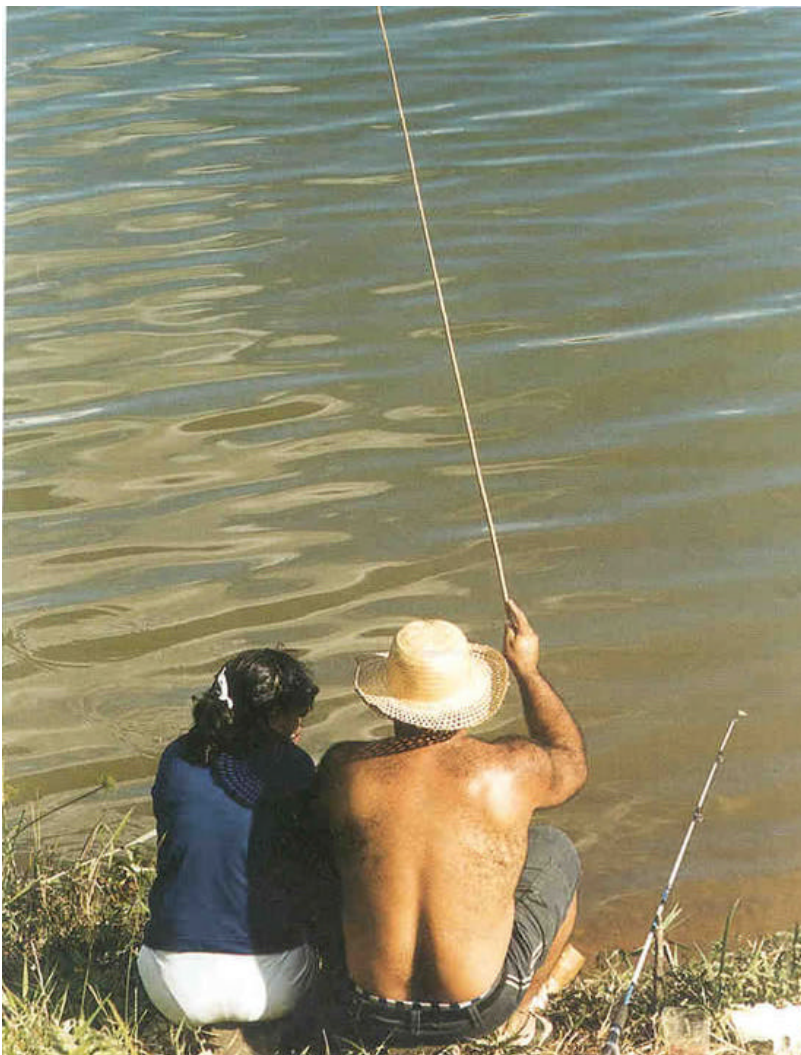
Figura 3 – Bacia do Lago Paranoá – Carta de Preservação Cultural e Paisagística



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p.39).

Mais de 90% das águas do lago são consideradas saudáveis. A principal fonte de poluição é o material orgânico de árvores deixadas no fundo do lago. Os esgotos, antes despejados *in natura*, agora passam por estações de tratamento.

O Lago Paranoá é usado para a pesca amadora em pequena escala e, principalmente, para a prática de esportes náuticos. Os clubes de recreação situam-se quase todos às suas margens. Devido à lama, as margens nem sempre são adequadas ao ingresso de banhistas; apenas em poucos pontos foi colocada areia ou grama.



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p.126).

Foto de Jorge Luíz Cardoso da Silva.



Foto de Rui Faquini.

Os primeiros clubes foram construídos em 1960, entre eles o late Clube, o Cota Mil, a Associação Atlética do Banco do Brasil – AABB e o Clube do Congresso.

Os clubes são os principais pontos de acesso e integração da comunidade brasiliense com o Lago Paranoá, o que praticamente restringe esse acesso aos que podem pagar uma mensalidade para freqüentá-los.

Além dos clubes, os restaurantes às margens do lago também servem como espaços de integração comunidade – lago. Poucos locais, normalmente improvisados e sem infra-estrutura, como a Prainha ou o chamado Piscinão do Lago Norte, possibilitam o acesso e uso do lago gratuitamente, a um número maior de pessoas.

O Lago Paranoá abriga na sua orla bens patrimoniais tombados e não tombados, de grande valor histórico e cultural, marcos na história de Brasília.

Os bens tombados são a Ermida Dom Bosco, a Vila Planalto e a Igreja São Geraldo; segunda igreja mais antiga do Distrito Federal, situada no Parque Urbano do Paranoá.

Dentre os bens culturais podem ser citados: o Palácio da Alvorada; primeiro prédio público concluído em Brasília, em 1958; o Brasília Pálace Hotel; primeiro hotel de alvenaria erguido na capital; o Museu de Arte de Brasília, a Concha Acústica, o Campus e o Conjunto Arquitetônico da UnB – Universidade de Brasília, as pontes do Lago Sul.



Vista da Ermida; ao fundo ruínas do Hotel Brasília.

Foto da autora.

Parte desse patrimônio, de valor inestimável, encontra-se ameaçado pela ausência de manutenção e restauração, pela ocupação irregular de áreas públicas.

Poucas áreas preservam a vegetação nativa na orla do Lago Paranoá. As unidades de conservação e os parques ecológicos e de uso múltiplo, existentes na bacia, como o Parque da Ermida Dom Bosco, funcionam como trincheiras verdes contra as ocupações e invasões.





Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 107).

Foto de João Facó.



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p.166).

Foto de Janety Lais S. L. Queiroz.

#### 4.5.2 – O Parque Ecológico e de Multiusos da Ermida Dom Bosco <sup>13</sup>

O Parque Ecológico e de Multiusos da Ermida Dom Bosco, um dos 65 parques do Distrito Federal, foi criado por meio do decreto distrital nº 19.292 de 4 de junho de 1998, alterado posteriormente pelas Leis Complementares nº 219, de 8 de junho de 1999 e nº 263, de 1º de dezembro de 1999.

Situa-se na Região Administrativa do Lago Sul, dentro da área que compreende a poligonal do Setor Habitacional Dom Bosco, estendendo-se numa faixa junto a orla do Lago Paranoá, nos limites do Setor Ermida Dom Bosco - SEDB até o córrego Manoel Francisco.

Localizado na QL 30 do Lago Sul, a entrada é gratuita e o horário de funcionamento vai das 7h às 22h, com vigia 24 horas.

Inaugurado no dia 4 de setembro de 1998, teve também o propósito de interromper a invasão de terras públicas na sua vizinhança.



Parque da Ermida Dom Bosco e limites do Condomínio Villages Alvorada  
Foto da Comparques.

<sup>13</sup> Informações compiladas da legislação do GDF referente à criação do Parque (ver anexos)

De acordo com o seu decreto de criação, são objetivos do Parque da Ermida Dom Bosco: preservar a vegetação e fauna existentes; recuperar a área degradada; proporcionar o desenvolvimento de programas de educação ambiental e de pesquisas sobre o ecossistema do cerrado; proporcionar lazer e cultura à população, principalmente com atividades que levem em conta a conservação do meio ambiente.

O Poder Executivo, por intermédio de seus órgãos específicos, é o responsável pelo gerenciamento e supervisão da área. Esses órgãos e suas competências são apresentados no próximo capítulo.

Tendo a tranqüilidade e a paisagem como maiores atrativos, o parque, com 131 hectares, possui pista de 2 km para caminhada, ciclovia, também com 2 km de extensão, quatro praças e anfiteatro ao ar livre para cerca de 15 mil pessoas. (ver projetos de urbanização anexos)

Nas proximidades das margens, o relevo é mais acentuado e o solo mais rochoso. Há áreas planas nas cotas mais baixas. Nas cotas mais altas, observa-se vegetação de campo cerrado degradada e pequenos arbustos e rochas em declive.

O solo é basicamente constituído de cambissolos, o que impede o desenvolvimento de uma vegetação mais alta e densa.

As aves e mamíferos presentes, de pequeno e médio porte, são de forma geral ligados ao meio aquático.

Nas margens do Lago Paranoá encontra-se o campo limpo com algumas manchas de capim exótico e, mais acima, campo limpo e vegetação um pouco mais densa, ocorrendo o campo cerrado. Nas áreas mais fechadas encontram-se espécies significativas da flora do cerrado.

Entre a pista asfáltica e o Condomínio Villages Alvorada, observam-se antigas áreas de empréstimo e pequenas manchas de cerrado *sensu strictu* e de campo cerrado, predominando o campo sujo e, próximo às margens, ocorre novamente o campo limpo.

Na área compreendida entre o Lago Paranoá e a pista de asfalto próxima ao Instituto Israel Pinheiro encontra-se vegetação mais densa, com a presença de entulho e cascalho. Nessas áreas há moradores e presença de plantas exóticas, principalmente frutíferas.



Vegetação existente na entrada do parque.

Foto da autora – jun/03.



Vegetação existente na entrada do parque.

Foto da autora – jun/03.

---

## **CAPÍTULO 5 – OLHARES SOBRE A ERMIDA CONSTRUINDO UM HORIZONTE<sup>14</sup>**

---

<sup>14</sup> As perspectivas adotadas para o estudo da Ermida D. Bosco, privilegiando a paisagem, levaram à construção desse título, que ajudou a ordenar os dados da pesquisa. Só posteriormente o relacionamos com a obra da Semarh, "Olhares sobre o Lago Paranoá", o que nos confirma a percepção de que tais ambientes se constroem em uma concorrência de perspectivas.

Como visto nos capítulos anteriores, o Parque da Ermida Dom Bosco se reporta a vários aspectos: turístico, histórico, cultural, religioso, místico, sócio-ambiental, político, urbanístico, de uso do solo, de recursos hídricos.

Em razão dessa multiplicidade de ângulos, são múltiplos os órgãos e instâncias envolvidos na sua gestão e administração. Cada um tem seu ponto de vista, referente à sua área de atuação específica, cada um tem seu olhar sobre a Ermida. É uma visão fragmentada, que algumas vezes pode ser convergente, outras, não.

Outro ponto de vista a ser considerado é o do usuário da Ermida Dom Bosco, sejam eles turista, visitante, morador de áreas vizinhas, funcionário do local. A sua percepção em relação à Ermida, passa pelos sentidos, pela história, pela subjetividade de cada um. E daí surge o seu olhar.

O olhar constrói a paisagem. Paisagem que, na Ermida, se impõe como elemento marcante e articulador.



Vista do mirante.

Foto da autora.

Neste estudo, resolveu-se reunir em um só capítulo o enfoque da gestão pública e o dos usuários, cada um com seu ponto de vista; evidenciando olhares

harmônicos ou conflitantes entre os diversos órgãos envolvidos, entre os órgãos e os usuários e entre os próprios usuários.

A gestão do Parque da Ermida D. Bosco, um espaço público, é complexa e peculiar, passando por diversos órgãos do Governo do Distrito Federal e por uma instituição não governamental, eclesiástica, o Instituto Israel Pinheiro, centro de ensino e estudos da congregação salesiana, vizinho à Ermida. A manutenção e funcionamento do Parque são custeados pelo Governo do Distrito Federal. Visando à sua preservação, o Instituto Israel Pinheiro financia vigias 24 horas no local

Por se tratar de um parque, a Comparques<sup>15</sup>, foi responsável pela sua implantação, levantamento da situação fundiária, definição da poligonal, adequação da legislação, retirada de ocupantes irregulares e implementação de cercamento e policiamento por meio da Polícia Militar Ambiental. No que se refere à administração, fiscalização e supervisão das áreas destinadas a parques, recuperação de áreas degradadas e apoio para Educação Ambiental, a responsabilidade era da Semarh.<sup>16</sup>

A partir de janeiro de 2004 essas atribuições passaram para a Secretaria de Administração de Parques e Unidades de Conservação, que substituiu a Comparques, tornando-se responsável pela supervisão, fiscalização e orientação técnica das atividades a serem desenvolvidas no Parque, com a aplicação da legislação ambiental.

Cabe à Administração do Lago Sul, região onde está localizado, a administração do Parque, sob supervisão da Secretaria de Parques (antes, da Semarh), e em consonância com as deliberações do Conselho Gestor do Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco.

O Conselho Gestor é composto por representantes da Semarh; da Administração do Lago Sul; da Mitra - Arquidiocesana de Brasília, representada pelo Convento das Carmelitas, Seminário Redentor Mater e Mosteiro de São

---

<sup>15</sup> Comissão Permanente de Implantação de Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo

<sup>16</sup> Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos –



Bento; da comunidade do Bairro Dom Bosco; do Instituto Israel Pinheiro e da Universidade Católica de Brasília - UCB<sup>17</sup>.

Compete ao Conselho Gestor deliberar sobre os projetos a serem desenvolvidos, nos seus aspectos administrativos, ambientais e de normas de funcionamento, bem como sobre edificações necessárias.

De acordo com a legislação vigente, a infra-estrutura deverá ser implantada preferencialmente por meio de parcerias.

Por ser tombada como patrimônio do Governo do DF, está sob proteção da Secretaria de Cultura. No que se refere à urbanização, a Seduh<sup>18</sup> elaborou o projeto arquitetônico e urbanístico do Parque, e o Departamento de Parques e Jardins, da Novacap, o projeto paisagístico.

Parte dessas instituições se mobilizam para a organização anual da Festa de Dom Bosco, em especial a Secretaria de Turismo, a Administração do Lago Sul, a Secretaria de Parques e o Instituto Israel Pinheiro.

### **5.1 – O OLHAR DA ADMINISTRAÇÃO**

Relata-se a seguir contatos e informações obtidas nas instituições envolvidas. As entrevistas ocorreram entre os meses de setembro de 2003 e janeiro de 2004. Os órgãos estão relacionados na seqüência em que foram visitados.

À exceção da Administração do Lago Sul, onde se falou com a titular, os entrevistados foram técnicos responsáveis pela área objeto de estudo, vinculados aos órgãos e, em sua maioria, ocupantes de cargo de gerência.

#### **Secretaria de Estado de Turismo**

A Ermida insere-se no roteiro de turismo místico, religioso e cultural da cidade. É vista como potencialmente atrativa, mas carente de infra-estrutura

---

<sup>17</sup> Ver Decreto nº 19.292/GDF, anexo.

<sup>18</sup> Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação

básica e de arborização. Não há proposta imediata para o incentivo do turismo na área.

A Festa de Dom Bosco faz parte do calendário oficial de eventos turísticos e religiosos do DF, o que leva a Secretaria de Turismo a dedicar especial atenção ao evento.

### **Comissão Permanente de Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo – Comparques**

Tem uma visão mais geral do Parque, trazendo informações relativas à legislação pertinente, atividades desenvolvidas no Parque, sua poligonal, projeto urbanístico e de paisagismo, propostas existentes e relacionamento dos órgãos responsáveis pela gestão do Parque.

Há planos de se implementar um programa de educação ambiental em parques do Distrito Federal; a Ermida seria um deles.

Vê o turismo na Ermida mais voltado à contemplação. Reconhece a limitação de infra-estrutura e paisagismo e considera a sua implantação importante. No momento, não há recursos disponíveis para isso.

Estuda-se a celebração de casamentos no local, com montagem de infraestrutura móvel, como toldos, por exemplo.

### **Secretaria de Parques e Unidades de Conservação**

Criada em 8 de janeiro de 2004. Substituiu a Comparques e tem autonomia para decidir o que fazer e como cuidar dos 65 parques ecológicos e de uso múltiplo do DF.

Segundo o Secretário de Parques, a política de criação de parques tem sido mais eficiente em conter invasões em terras públicas do que outras ações governamentais. "O que muda agora é uma nova estrutura para cuidar especificamente de parques. Não adianta só criar no papel, queremos que a coisa funcione". (Correio Braziliense, Jan/04).

Ambientalistas e políticos se dividem sobre a criação da Secretaria de Parques. Alguns dizem que poderia ser uma subsecretaria da Semarh, que deveria ser fortalecida e equipada. Outros não vêem problema; acham que a Semarh está sobrecarregada e que é interessante a criação da nova secretaria. Muitos vêem a polêmica com cautela, lembrando que o meio ambiente não se restringe a parques e temem que a criação de mais um órgão, além de novas despesas, traga dificuldades para a realização de um trabalho integrado.

### **Administração Regional do Lago Sul – RA-XVI**

Tem visão mais operacional do Parque. Preocupa-se com a frequência no local, a noite, referindo-se a barracas montadas para passar a noite, consumo de drogas e a sexo, que ocorreriam eventualmente. Acredita que isso diminuiria restringindo-se o acesso pela área próxima à mata e com o fechamento as 22h do primeiro portão, que dá acesso ao estacionamento. Há preocupação também em relação aos carros que entram irregularmente no Parque, estacionando às margens do lago.

Algumas atividades como a Caminhada da Lua e concerto de violino foram organizadas no Parque, não estando consolidadas na programação da Administração.

Vê o turismo da Ermida como de contemplação e tranquilidade. Considera a paisagem o grande atrativo e acha que pode ser interessante se desenvolver atividades como tai chi chuan e yoga no local, sugeridas pela autora durante a entrevista.

Participa ativamente da organização da Festa de D. Bosco. Acha que não deveria ter shows à noite, por não se encaixarem no perfil do local nem no caráter religioso da festa e em razão do barulho e do eventual uso de drogas.

### **Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação**

Tem visão mais técnica e relacionada ao planejamento. Discorreu sobre a criação do Parque da Ermida devido à necessidade de impedir a expansão do condomínio vizinho, construído irregularmente e que avançava em direção ao monumento.

Discorreu sobre a concepção do projeto arquitetônico e urbanístico do Parque, com elementos que não interferem no visual, na tentativa de se preservar a paisagem. Esse projeto foi parcialmente implantado: o mirante, onde está a Ermida, a pista de 2 km para caminhada, a ciclovia, também com 2 km, quatro praças, anfiteatro ao ar livre para cerca de 15 mil pessoas e estacionamentos laterais. Foi construída, não no lugar originalmente previsto, uma guarita para o vigia, onde está o único banheiro disponível no local.

Conforme projeto arquitetônico, anexo, estão previstos banheiros nas praças; memorial com fotos da Ermida e da construção da cidade e textos sobre a história de Brasília e de Dom Bosco; uma pequena lanchonete e uma capela. Todos com arquitetura simples, em harmonia com o estilo da Ermida e em local adequado, onde interferem o menos possível na paisagem. Os equipamentos urbanos (bancos em cimento e lixeiras) foram projetados para resistir à depredação e intempéries. Não há programação visual (placas), sinalizadora ou educativa, prevista.

Foram cedidos mapas georeferenciados do Parque, projeto arquitetônico e de paisagismo e perspectivas. Vê a implantação do projeto paisagístico como fundamental para o usufruto do local.

Percebe-se envolvimento e comprometimento com o desdobramento do trabalho realizado.

### **Departamento de Parques e Jardins da Novacap**

Como outros órgãos, vê a Ermida como lugar potencialmente turístico, carente ainda do paisagismo e infraestutura.

Discorreu sobre o projeto paisagístico, anexo. As plantas nativas tiveram prioridade na especificação da vegetação. Foi projetada uma parede de árvores ao longo do muro do condomínio Villages Alvorada, para diminuir o impacto visual decorrente da sua construção.

## **Secretaria de Estado de Cultura**

Vê a Ermida D. Bosco, que insere-se no roteiro cultural do DF, como patrimônio do Distrito Federal e, portanto, sob a tutela da Secretaria de Cultura.

Discorreu sobre o decreto de tombamento da Ermida D. Bosco, primeira construção em alvenaria da capital, no sentido de se preservar o patrimônio histórico e cultural de Brasília. Foi assinado em 1988, por ocasião das comemorações do centenário da morte de Dom Bosco.

## **Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – Semarh**

Um pouco distanciada da gestão do Parque, já que os parques ecológicos estavam vinculados à Comparques. Em relação à educação ambiental, na ocasião ainda sob responsabilidade da Semarh, não havia propostas para o Parque.

Vê o Parque como lugar a ser preservado, também com potencial turístico.

## **Instituto Israel Pinheiro**

A visão apresentada foi relacionada a aspectos religiosos e místicos. Discorreu sobre a história da congregação salesiana ao mesmo tempo que relatava o sonho de D. Bosco, a ligação da família de Israel Pinheiro com a congregação e a motivação da construção da Ermida. Sempre tendo D. Bosco como figura central do processo.

Relatou problemas com proprietários do Condomínio Villages Alvorada, que queriam espaço para quadras esportivas e a sua luta para impedir que ocupassem parte ainda maior do parque, *“para impedir que, de repente, a Ermida estivesse no quintal de uma das casas do loteamento...”*

Vê a área como um espaço público, aberto a todos, e onde podem ocorrer atividades coletivas e de integração social, desde que não prejudiquem a área e a vizinhança. Citou o exemplo de uma festa iniciada, sem o conhecimento do Instituto, no sábado a tarde e que se estendeu até o domingo a tarde, com música “pauleira” no último volume. O telefone tocou a noite toda com moradores do

condomínio reclamando. A partir desse dia, para realização de eventos à noite, é necessária a autorização do Instituto e do presidente do condomínio Villages Alvorada, além da Administração do Lago Sul.

Em relação à festa de Dom Bosco, da qual participa desde 1986, acha que os shows a noite atraem e oferecem diversão à juventude, foco dos salesianos, e por isso devem ser realizados. Deve-se convidar bandas que atraiam os jovens. Considera que o fato do horário de encerramento ser previamente delimitado, não se estendendo noite a dentro, evita tumultos. Se há drogas, como em outros lugares, deve-se tentar coibi-las e não acabar com o show.

- Observações

Os entrevistados se mostraram disponíveis para repassar informações, sugerindo outras pessoas, órgãos e documentos que complementariam a pesquisa. Percebe-se em alguns, envolvimento maior e mais afetivo. Outros têm mais a visão do administrador.

Acham que a Ermida possui potencial turístico. Aprovaram o tema desta monografia e incentivaram-na, considerando-a válida para implementação e revitalização do local.

Há um consenso em relação à agressão sofrida com a invasão do Condomínio Villages Alvorada em área pública, interferindo e enfeando a paisagem.

Apesar da indefinição e do desconhecimento de qualquer projeto a respeito do assunto, e do respeito ao Governador e ao arquiteto Niemeyer, os que se manifestaram vêm com reservas a construção de igreja no local, anunciada durante a última Festa de D. Bosco.

## 5.2 – OUTROS OLHARES

*“A paisagem é definida a partir do ponto de vista de onde ela é observada: isso supõe, como sua própria condição de existência, a atividade constituinte de um sujeito”.(Michel Collot, 1990, p.22)*

A paisagem não é, portanto, um objeto independente, com o qual o sujeito se relaciona à distância, externamente. O sujeito e o objeto não se separam; o objeto espacial (a paisagem) é constituído pelo sujeito, que por sua vez, está envolvido pelo espaço.

A posição do observador, o seu ponto de vista, determina a extensão do seu campo visual. O que não é visível para um, em dado momento, é o que pode ser visto por outro.

*“... A estrutura de horizonte da paisagem testemunha que ela não é pura criação minha, mas que ela pertence tanto aos outros como a mim, pois o horizonte é um lugar de uma convivência. Tal estrutura lhe dá a característica do real e o relaciona ao conjunto do mundo.”(ibidem, p.24)*

A Ermida D. Bosco se consolida como lugar simbólico para Brasília e também como espaço de lazer e turismo. Traz à tona questões relativas à utilização do espaço, da percepção individual e coletiva da paisagem e sua interação com as pessoas. As várias dimensões subjacentes ao lugar, religiosa, mística, histórica, cultural, ambiental, refletem-se nas entrevistas realizadas.

Apresentaremos parte dessas entrevistas, que trazem impressões dos visitantes, lembranças de moradores de Brasília, a visão de quem presta serviços ali e o sentimento de pertencimento percebido nos moradores vizinhos.

### **Visitantes / Usuários**

Dos entrevistados, a maioria residia no DF; alguns estavam ali para levar amigos de fora. Os turistas eram trazidos por amigos ou parentes residentes no Distrito Federal; nenhum estava lá por iniciativa própria. Não se encontrou excursões no local.

A maior parte das crianças que freqüentam o parque reside na vizinhança. Não há predominância de faixa etária específica, havendo pessoas de todas as idades. Em relação à distribuição por sexo, também não se percebe diferença significativa. Observa-se, ao entardecer, uma predominância de casais, mas ao longo do dia vêem-se famílias, amigos em pequenos grupos, pessoas sozinhas.



Mirante da Ermida

Foto da autora.

Durante a semana, os visitantes são mais freqüentes no fim da tarde, para ver o por do sol. A maioria fica apenas no mirante, não descendo até as margens do lago e permanecendo pouco tempo no local (menos de meia hora). Pela manhã, há sempre alguma criança acompanhada pelos pais ou responsável, pessoas com cachorros, a maioria residente na vizinhança. Essas ficam um pouco mais, andam pelo parque, à beira do lago; a permanência média se limita a cerca de 45 minutos. Os visitantes são, na sua maioria, pessoas de classe média, encontrando-se poucas com nível de renda mais baixo.

À noite a freqüência diminui bastante, na sua maioria, jovens e casais. O segundo portão, próximo à guarita, fecha-se às 22h, mas o primeiro, que dá entrada para o estacionamento lateral, permanece aberto. Segundo algumas entrevistas há uso de drogas.

Nos fins de semana observa-se um número maior e mais diversificado de visitantes e o tempo de permanência também aumenta. Alguns passam pelo local, param, mas não descem do carro. Mais pessoas descem até a beira do lago. Outras caminham pelo parque, geralmente moradores da vizinhança. Observa-se pessoas fazendo *cooper* e um número significativo de ciclistas nos arredores.



Aos domingos, observa-se mais moradores do Paranoá, região administrativa vizinha à Ermida, com população de renda baixa. São normalmente famílias, que nadam no lago, levam comida, bebida e barracas para se esconder do sol; ficam às margens do lago, perto da mata; alguns jovens caminham pelo parque.



Foto da autora – ago/03.

Observa-se também pessoas de classe média, que ficam, geralmente, no lado contrário da mata, próximo ao condomínio. Caminham pelo parque e brincam com cachorros e crianças. Alguns andam de patins e bicicleta.



Foto da autora – jul/03.

No final da manhã, após a missa dominical do Mosteiro São Bento, vizinho ao parque, ocorre pequeno aumento no fluxo de visitantes, mas com tempo de permanência reduzido. Em nenhum momento ou dia da semana o fluxo de visitantes é muito expressivo.

A seguir, apresentam-se em blocos opiniões, impressões e histórias obtidas nas entrevistas com os visitantes. Essas conversas se reportaram a momentos distintos dos entrevistados, ligados à emoção, história pessoal, amorosa, história da cidade, civismo, origem, cultura.

Algumas falas lembram Italo Calvino, para quem as cidades são suas relações e as perguntas que provocam. Uma cidade que é também feita de marcas; que deve buscar a síntese das relações e a afirmação do belo.

*Tomávamos vinho em noite de lua cheia. Não havia nada. Era lindo ver a lua no lago.*

*Depois de um curso passamos aqui. Ele me disse então que “a partir de agora, para mim, Brasília vai ser o que vivemos aqui; quando falarem de Brasília eu vou me lembrar de você e deste lugar”. Sempre me lembro disso quando venho aqui na Ermida...*

*Os meninos gostaram de descer correndo até a beira do lago...*

*Nosso namoro começou aqui*

Outras observações se reportam a Ézia Neves quando diz que à paisagem, associam-se valores afetivos, diferentes para cada indivíduo e a esses, associam-se fatores psicológicos. Subjetivamente, pode-se então dizer que por meio de determinadas paisagens o homem busca o equilíbrio.

*É romântico. É lindo.*

*É muito bonito. Me dá paz.*

*Venho aqui porque é tranqüilo.*

*Bom mesmo é vir aqui a noite.*

*Esse lugar é gostoso demais!*

A aridez do lugar é comentada por várias pessoas, principalmente os residentes no DF, que vêm o lugar como uma possibilidade de lazer, se houvesse infra-estrutura e arborização.

Urbanizações com pouca arborização criam um clima cáustico, acentuado, no caso, pelo sol do planalto central.

*É muito árido; não tem nenhuma árvore.*

*Um pouco sem graça.                      É muito longe.*

*Falta infra-estrutura;                      É pouco divulgado.*



Praça 2. (ver projeto paisagístico – anexo).

Foto da autora.



Praça 3. (ver projeto paisagístico – anexo).

Foto da autora

Em pesquisa realizada com estudantes, 80% entre 20 e 33 anos, Yázigi (2001) pergunta o que mais diferencia um lugar. Natureza, cultura e arquitetura, que também faz parte da segunda, representariam o que mais marca o lugar: 49% responderam que era a natureza, 17%, os costumes, 8%, arquitetura, 8%, limpeza, 7%, organização geral, 6%, organização do espaço público, 2%, fosso social, 1%, animação e, 1%, outros motivos.

Mesmo destacando a beleza da paisagem (onde a natureza se manifesta, com a presença marcante do lago) há sempre observações sobre a ausência de árvores no lugar, o que não incentiva a permanência no parque.



Praça 4. (ver projeto paisagístico – anexo).

Foto da autora

A paisagem é sem dúvida a grande atração do lugar. A maioria dos visitantes se refere a ela com entusiasmo. A conjugação de elementos cósmicos e terrenos e a beleza e placidez do entorno transportam (transformam) o visitante a um mundo de poesia, ainda que momentaneamente.



Vista do mirante.

Foto da autora – jul/03.

Celso Nunes (2002) faz analogia interessante: como o palco em um teatro atrai os espectadores, somos atraídos pela paisagem e o que vemos estimula nossa imaginação e nossa capacidade de observação. Nos capacitamos para enxergar a beleza das nossas paisagens cotidianas e da vida.

*É um espetáculo!*

*O reflexo do sol na água é enfeitiçador. A mistura do amarelo dos raios solares com o azul do lago dá uma cor única. Um fenômeno somente visto em Brasília.*

*É uma das visões mais bonitas do entardecer em Brasília.*

*Moro em Curitiba, não consigo resistir aos encantos de Brasília, onde venho pela segunda vez, e, em especial, da paisagem da Ermida.*

*Continuo surpresa com o visual. Faço questão de registrar essa imagem para guardar o resto da vida. Nem me lembrava dessa beleza toda.*



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 420).

Foto de Alain Barki.

Segundo Rebeca Sherer,(2002, p.84) a paisagem urbanística se constitui pelas edificações e relações estabelecidas entre elas e pela forma como se insere na malha urbana, interagindo com a paisagem natural. Mais do que isso, a paisagem urbana evidencia o modo como nos núcleos urbanos as instituições e as diferentes classes sociais se relacionam, materializando a estrutura física e social das cidades; como as pessoas viveram e vivem ali.

*O lugar é lindo, mas a freqüência não é boa, por isso não vamos lá.*

*Não pode deixar qualquer um entrar, tem que fechar o lugar.*

A construção do Condomínio Villages Alvorada incomoda muito. Está num espaço público e ofende o bem estar do cidadão que olha para ele. Pode-se traçar um paralelo com as pichações e a feiura na paisagem urbana.

*É uma afronta à cidadania*

*Não deveria ter voltado; este condomínio estragou o lugar e a vista.*

*Este condomínio é um crime!*



Limites do Parque e do Condomínio Villages Alvorada

Foto da Comparques.

A segurança é uma questão recorrente. Turismo e violência são incompatíveis. É necessário resolver a degradação sócio-ambiental. Com ou sem o turismo, mas que com ele gera antagonismos visíveis.

*Não dá para fazer as trilhas na mata; é muito deserto, perigoso. O mato está muito alto.*

*O vigia não vê nada de onde fica.*

*Precisa mais segurança;*

*Já vi fumarem maconha.*



Trilhas na mata do Parque da Ermida D. Bosco.

Fotos da Comparques.

A religião e o misticismo, que permeiam a história de Brasília e da Ermida, em particular, são, depois da paisagem, outras grandes motivações para a ida ao local.

*Estamos fazendo um roteiro cívico e histórico com os meninos, para um trabalho da escola. Fomos na Praça dos Três Poderes, no Memorial JK, Alvorada e agora viemos aqui. A Ermida faz parte da história de Brasília.*

*É mágico.*

*Todo mundo quer saber a história de D. Bosco.*

*Alguns acham que D. Bosco esteve no lugar onde foi construída a Ermida*

*Foi D. Bosco quem fez a construção de Brasília dar certo.*

Algumas pessoas foram entrevistadas em razão do conhecimento prévio de seus vínculos com a Ermida. Percebe-se o quanto a Ermida D. Bosco está integrada à história dos cidadãos de Brasília, o quanto está inserida na sua memória.



*Aos domingos íamos passear na Ermida. Era o que tinha para fazer. A vista era muito bonita e dávamos a volta no lago.*

*Tinha um bar onde comíamos pão com mortadela e guaraná. Era o máximo”*

*Não tinha nada, nem o lago. Era só a Ermida, que se destacava no cerrado...*

*“Devia ser 1966. Fomos passear na Ermida. Luís e Suzana fizeram então uma promessa a D. Bosco de que, se passassem no exame de admissão, lavariam a Ermida e o altar, que estavam bem sujos. Foram aprovados. Passamos então uma tarde lá. Eles varreram em volta, lavaram o mármore com vassoura, água e sabão. Lavaram a imagem também. A promessa era de que fariam isso sozinhos, por isso fiquei só fazendo companhia. Enquanto esperava, fiz dois vasos de um vidro de compota de abacaxi, antigo, que tinha a forma da fruta, estreito em cima e mais largo em baixo. Forrei com papel laminado e eles então puseram flores. Ficou muito bonito... Algum tempo depois, estava lendo o jornal e vi a foto da Ermida com os vasilhinhos. Um repórter do Correio Braziliense, tinha ido lá, achou bonito e fez uma matéria...Eu devia ter guardado o jornal...” (D. Flora Monteiro, falando dos filhos e de suas lembranças....).*

### **Moradores vizinhos**

Nos lugares onde os turistas encontram os residentes, suas visitas passam a fazer parte do cotidiano local.

Alguns moradores do Condomínio Villages Alvorada foram entrevistados. Não se tocou na questão da legitimidade da sua instalação. O objetivo era saber como vivenciavam o parque no seu cotidiano. Percebem-se sensações semelhantes às dos visitantes, mas com um sentimento maior de pertencimento.

*Os turistas não atrapalham.*

*A pista é íngreme em alguns lugares. Não incentiva muito a caminhada.*

*É vazio nos lugares mais distantes; não dá para ir longe.*



Trilhas na mata do Parque da Ermida D. Bosco

Fotos da Comparques.

*Assim que inaugurou o Parque eu ia mais. Fiz até as trilhas na mata, pois havia mais gente. Hoje estão completamente desertas. Não dá para ir. Se acontecer alguma coisa, ninguém vê.*

*Confesso que tem 2 meses que não vou lá. Fiquei meio decepcionada, não tem nada lá, em termos de infra-estrutura. Tem que ter árvores, senão ninguém agüenta.*

*Tem que ter uma lanchonete, senão não dá.*

*As crianças cansam logo, não tem nada para elas.*

*O lugar é lindo, mas a freqüência está meio esquisita; não está dando para ir muito não.*

*Todo mundo tem direito à diversão, não sei como você vai abordar isso; é complicado. Talvez se tivesse guardas...*

*Aquilo lá é uma maravilha!*

Apesar do Paranoá estar a cerca de 10 km do Parque da Ermida D. Bosco, alguns de seus moradores o vêem como uma opção de lazer nos fins de semana, ressentindo-se mais que os outros visitantes da ausência de infra-estrutura, pois permanecem mais tempo no lugar. Trazem banquinhos, comida, barracas, rádio.

*Aqui é muito legal, mas devia ter pelo menos mais árvores.*

*As crianças adoram.*

*O lago é muito gostoso.*

*Venho sempre para pescar.*

*Não tem sombra. Teria que colocar uns banquinhos, para ver a paisagem.*

*É difícil vir aqui, pois não tem ônibus; tem que andar muito.*



Foto da autora.

### **Vendedor e vigia**

A percepção é um fator de extrema importância no conceito de paisagem, pois “as paisagens revelam-se diferentemente a cada observador, de acordo com diferentes graus de percepção e interesses”. (Maria Ângela Leite ;1989)

Há vigilância na Ermida 24 horas por dia. O Parque fecha 22h, mas o vigia permanece a noite toda no local. A guarita localiza-se junto ao mirante, na parte de cima do Parque. Não é a localização definitiva. De lá se vê pouco do Parque e nada da mata existente. Não há muito conforto na guarita, onde o vigia passa a maior parte do tempo.



Guarita do vigia, na entrada do parque, ao lado do mirante.

Foto da autora – ago/03.

Um dos focos da sua atenção é evitar a entrada de carros no Parque, que vão até a beira do lago, entrando pela lateral. Duas ou três vezes por dia faz a ronda em trajeto reduzido dentro do parque.

*É bacana trabalhar aqui...*

*Podia ter 2 vigias á noite*

*Tem sempre carro lá. A gente chama o Detran, mas sempre voltam.*

Há apenas uma vendedora ambulante no local, autorizada pelo Diretor do Instituto Israel Pinheiro. Há sempre alguém auxiliando-a ou fazendo companhia; normalmente, seu marido. Vende água mineral, água de coco e refrigerantes. Recentemente começou a vender enfeites com reprodução de salmos católicos. Ela está lá diariamente, de manhã até o final da tarde.

*Aqui é bonito, mas não fico olhando muito não...*

*Não vem muita gente, mas eu venho todo dia.*

*Depois da missa é que dá movimento. Ficam pouco tempo. Não descem.*

*Ganho pouco, mas é melhor que nada.*

- Observações

Algumas vezes a visão de técnicos e governantes, e dos residentes e visitantes sobre a natureza e paisagem, assim como as palavras usadas para descrevê-la, podem ser diversas. Os primeiros a descrevem cientificamente, separando pessoa de mundo; identificam-na pelo relevo, geologia, arquitetura. Os segundos a consideram com carga afetiva, como bem compartilhado; falam de água, vegetação, altitude, ar, relevo, valores que dão personalidade ao lugar.

Uma visão cartesiana ou meramente técnica não propiciará o entendimento do que possa ser ritmo e musicalidade do lugar, do que possa ser a sua dimensão escondida. Lugar e homem criam a alma, que precisa ser percebida e traduzida no planejamento; isso não é, definitivamente, uma tarefa fácil.

---

**CAPÍTULO 6 – TENTANDO VER MAIS LONGE  
UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO**

Antônio Arcari, (1980, p.55) discorrendo sobre o ponto de vista na fotografia, diz;

*“Por que razão atribuímos tanta importância ao ponto de vista? Porque a escolha de um ponto de vista, de preferência a um outro, acaba por coincidir com a nossa opinião sobre aquilo que fotografamos, com a nossa maneira de ver uma coisa. Neste sentido, o ponto de vista em fotografia, como de resto na arte figurativa em geral, pode ser entendido como uma maneira de exprimir um juízo sobre o tema da imagem”*

*...“O ponto de vista vai, assim, escolher segundo aquilo que quero dizer, as informações que quero dar, a opinião que quero exprimir”(ibidem, p.55)*

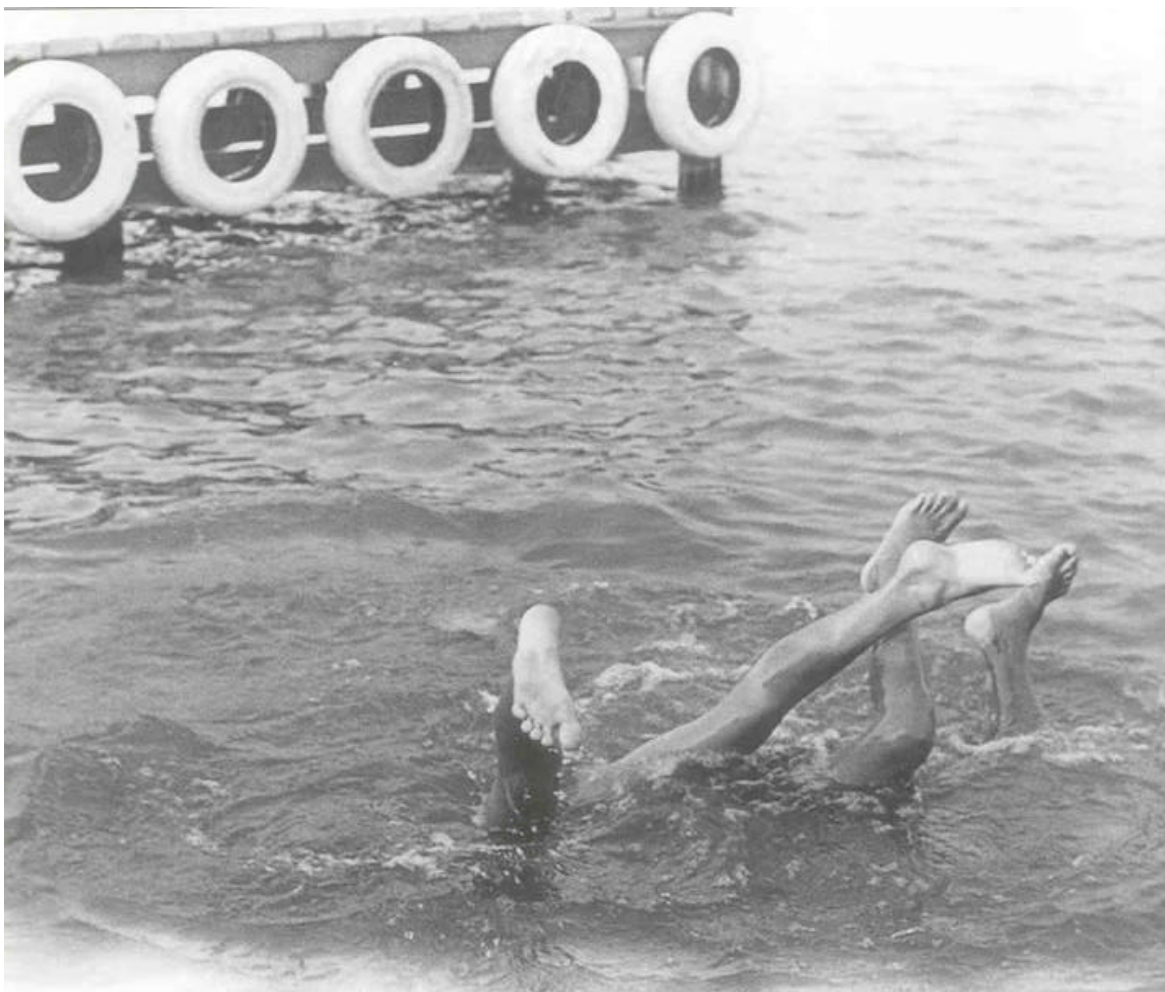
A fotografia e a imagem permeiam esta monografia. Apresento agora o meu “ponto de vista”, fazendo algumas considerações decorrentes do que foi apreendido no desenvolvimento deste estudo.

- Espaço público

*“O espaço público pode ser apreendido sob formas específicas, como estruturador urbanístico e como principal cartão de visitas do lugar: É a partir dele que turistas e forasteiros chegam ao lugar e seu universo. Para todos, e mais ainda para os residentes, é o elemento mais visível da ordem política, aquele cuja organização e normas mostram em que grau o lugar lida com os conceitos de liberdade, democracia e respeito recíproco” (Yázigi, 2001, p.202)*

A Ermida Dom Bosco está intimamente relacionada aos aspectos históricos e místicos de Brasília, o que a torna um monumento e lugar simbólico para a cidade.

O acesso ao Lago Paranoá, às margens do qual a Ermida se situa, é quase que praticamente restrito aos que podem pagar a mensalidade de algum clube situado na sua orla. Poucos locais, normalmente improvisados e sem infraestrutura ou segurança, como a Prainha ou o chamado Piscinão do Lago Norte, permitem esse acesso gratuitamente, ou seja, à população com nível de renda mais baixo.



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 274).

Foto de Rose Mey Carneiro.

É nesse contexto, de espaço não restrito, que vejo a Ermida Dom Bosco. Um espaço público, às margens do Lago Paranoá, que tem todo potencial para se tornar um verdadeiro espaço de lazer e turismo, aberto a todos. Que pode viabilizar a interação entre os moradores do DF e desses com os turistas, revertendo em benefício para todos.

De acordo com a pesquisa realizada a Ermida é freqüentada por pessoas da classe média, na sua maioria. Nos fins de semana, pessoas com nível de renda mais baixo procuram o Parque para nadar no Lago Paranoá. Percebe-se o afastamento entre umas e outras, inclusive pelo espaço físico ocupado: parece que há uma regra implícita, na qual os mais pobres ficam à direita e os mais ricos à esquerda...Os turistas, normalmente, ficam apenas no mirante.



Ainda que de forma improvisada e eventual, algumas atividades com crianças carentes do Paranoá, promovidas por voluntários, também ocorrem na Ermida, como gincanas ou corridas.

As relações espaciais são sempre interativas. Não se pode abrir mão da esfera pública como instrumento de integração social. As pessoas percebem o meio de modos diversos, dependendo de onde moram (área rural, urbana, periferia), idade, sexo, categoria social. A paisagem é o que se vê, resultante do olhar que se constrói, herança da cultura e da experiência individual.

Não cabe à administração pública definir identidades espaciais. Cabe a ela *reconhecê-las*, ao traçar caminhos para o desenvolvimento. É preciso buscar um desenho que reflita o pluralismo cultural. Reconhecer os valores de cada grupo social a respeito da paisagem é sempre importante, principalmente em se tratando de sítios turísticos. Aí reside o desafio: apesar das percepções se darem de forma diferente, só com a participação se obtém diálogo na definição da organização do espaço coletivo.

A percepção do lugar pode ser científica ou cultural, mas sua configuração física se dá por meio da arquitetura e do urbanismo, incluindo-se o sentido paisagístico. Por isso a importância de se implantar os projetos previstos para a Ermida.

Como a integração dos processos culturais ao ambiente natural é fundamental, a história da Ermida deverá ser incorporada ao espaço, afim de que a própria sociedade se conscientize acerca do bem e promova a preservação do ambiente natural (a construção do memorial previsto no projeto arquitetônico vai nessa direção).

A identidade cultural do brasiliense está em formação. É síntese da diversidade cultural brasileira. Se fortalece na medida em que suas raízes forem preservadas, possibilitando o reconhecimento da história que já foi escrita por aqueles que por aqui passaram, viveram e sonharam.

Preservar essa história recente é, portanto, extremamente importante para as atuais e para as futuras gerações.

O conhecimento da cultura e dos ambientes naturais promove a sua valorização, contribuindo para a sua preservação. Como diz Tildem (1986): “Através da interpretação, a compreensão, através da compreensão, a apreciação, e através da apreciação, a proteção”.

- Paisagem - turismo - espaço público

Sem sombra de dúvida a paisagem é o grande atrativo da Ermida Dom Bosco.

A paisagem é fundamental no turismo. É importante, entretanto, ficar atento ao perigo de fazer dela mercadoria, imagem sem referência, apenas consumo visual, para fotos sem vida.

O turismo e a paisagem se relacionam intrinsecamente e constituem potencial de valorização da vida humana, entretanto, dependendo dos interesses que norteiam sua implementação, podem se tornar instrumento de exclusão social e alienação política.

Segundo Milton Santos, as paisagens são reflexos dos espaços. A paisagem é um sistema material e, como tal, relativamente imutável, enquanto o espaço, um sistema de valores que se transforma permanentemente. Dentro dessa abordagem, toda transformação no espaço, representa transformação na paisagem, se não em sua fisionomia, certamente sobre os seus significados.

Manifestações como a do Governador na Festa de Dom Bosco, em agosto de 2003, quando referiu-se á construção de uma igreja, para fazer da Ermida D. Bosco lugar de romaria, devem ser consideradas com cautela. Esse tipo de construção poderá enfraquecer consideravelmente o sentido e os significados inerentes aos diferentes elementos da paisagem, uma vez que os elementos construídos se sobreporiam aos elementos naturais.

Cabem aqui alguns comentários a respeito do Condomínio Villages Alvorada, construído em área pública e que prejudicou enormemente a paisagem, e também sobre futuros loteamentos, previstos para a vizinhança. Não é só a paisagem que chama a atenção, mas a consciência do que ela transmite.

O loteamento é uma transformação rápida e radical, com novos habitantes e costumes estranhos ao lugar. Por isso, o processo de autorização de loteamentos deve observar o manejo do espaço, objetivando preservar o patrimônio natural e cultural da comunidade.

Há que se conviver com opções privadas, desde que permaneçam como tal. O que não se pode aceitar é que um grupo ou indivíduo aja na esfera pública como se fosse sua. O conceito de espaço público não pode continuar à deriva de sua função.

O condomínio, implantado à revelia das legislações locais, com unidades de vizinhança sem espaçamento, agride a paisagem e a cidadania. Cada um constrói para si e não para a cidade.

É imprescindível orientar os loteamentos que se agregam à cidade. Há que se ter ordem e regularidade. É importante haver harmonia, com arranjo de cores, disposições no lote, paisagismo, volume, tamanho. Só com uma concepção de conjunto, com alusão à idéia de lugar, se estabelece uma pertença mútua.

- Educação Ambiental

Está previsto um programa de educação ambiental a ser implementado em parques do Distrito Federal. A Ermida, vista em todas as suas dimensões, é seguramente um lugar adequado para isso. Ali se dá a incorporação da imagem, do simbólico e do imaginário na busca do conhecimento. Ali, “o espírito é educado a não maltratar a paisagem”.

A atividade turística pode ser um excelente instrumento para a educação ambiental, por ser, potencialmente, um espaço que se engaja a partir de uma filosofia para o prazer, o relaxamento e a diversão. Para o ser humano, esses momentos são oportunidades de descanso, com afrouxamento das partes rígidas, o que permite que a sensibilidade aflore e mudanças de comportamento aconteçam.

A educação ambiental é multidisciplinar e deve partir do pressuposto de se mexer o menos possível na natureza, mas sem imobilismo. Não se trata do verde pelo verde, pois amarrar o homem cai na inseqüência, e certo surrealismo, do

lugar pelo lugar. Todos têm que fazer concessões, a começar pelo capital, que não atua uniformemente no tempo e no espaço. A busca de uma vida cotidiana mais rica não poderá se dar sem modelos sócioeconômicos mais igualitários.

Medidas de gestão e ações educativas compatíveis com a realidade do Parque poderão fazer diferença no futuro. Insere-se nessa realidade a atividade turística daqueles que buscam o equilíbrio que a cidade, com suas ofertas artificiais, não é capaz de oferecer.

Finalizo, apropriando-me de algumas idéias de Celso Nunes,(2002, p.216) que compara a paisagem ao teatro.

Lembro-me da paisagem da Ermida, que para cada hora do dia tem um matiz. O sol, ao se pôr, neste que é um dos mais lindos céus do planeta, com a sua vermelhidão de cerrado, inigualável. A noite, com sua escuridão; em noites de lua cheia o facho prateado sobre a placidez das águas e sob o céu estrelado (Ah!...noites de lua cheia...). O sol nascendo, em todo seu esplendor e alegria amarela. As cores se alternam, diferentes. A cada momento tudo se altera. Voltamos ao tempo de criança, olhando as nuvens que a cada hora têm uma forma; nuvens altas, nuvens cinzas, nuvens de estrelas... É um cenário, um novo espetáculo a cada momento.

Em algumas praias brasileiras é habitual pessoas se reunirem em determinado local para ver o pôr do sol e ao final aplaudirem, como ao final de uma peça de teatro. Percebe-se uma atmosfera de confraternização e beatitude entre as pessoas, como se a beleza do momento e a simbologia que o encerrar do dia pode conter elevassem essas pessoas a uma categoria especial, tirando-as do seu cotidiano e levando-as a outra realidade.

E isso também se dá com os que vêem o pôr do sol na Ermida. Faltam as palmas, que lá com certeza surgem em razão da liberdade e leveza que o mar, na sua amplitude e infinitude, propicia.



Por do sol visto da Ermida D. Bosco.

Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 276).

Foto de Sizan Luis Esberci.

---

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“Uma questão de base seria: é a paisagem necessária? (Outra maneira de formularmos a mesma questão seria: é grave a verificação de que tantos têm sido barrados, social e economicamente, no acesso à paisagem?) Se nos circunscrevermos, como convém a tal tipo de questão, à sociedade contemporânea, a resposta é decididamente sim. A paisagem é um bem indispensável para um equilíbrio de vida (não importa que possa funcionar como mercadoria). A paisagem responde aos imperativos da territorialidade e da pertença, isto é, às necessidades de inserirmos nossa trajetória biográfica não apenas num eixo temporal, mas também espacial.” (Meneses, 2002, p.59)*

Com essa citação, pretende-se, uma vez mais, destacar a importância da preservação da paisagem na Ermida Dom Bosco, na atividade turística e no cotidiano das pessoas. Essa necessidade é cultural; relaciona-se à manutenção da vida material, mas impregnada de sentidos, valores e expectativas.

Muitos são os significados da paisagem para turistas e moradores. A experiência do cotidiano das cidades, um pôr do sol, a placidez de um lago, uma floresta podem ser espetáculos turísticos.

Na disputa turística, os lugares que souberem preservar a sua identidade cultural, levarão vantagem sobre os que buscaram um desenvolvimento rápido e desordenado, tão incompleto quanto destruidor da história.

O cotidiano e o turismo não se resolvem por si próprio, mas em um contexto de políticas mais amplas. Há conflitos, mas a construção coletiva de identidade tem que prosseguir, com políticas urbanas responsáveis e democráticas.

Não há como resolver o problema da paisagem brasileira sem resolver a miséria, o problema da miséria sem resolver a desigualdade social. Os projetos devem ser comprometidos com o social e também com o patrimônio ambiental e cultural, com a estética.

O turismo pode significar reconstrução, o que implica melhoria para o cotidiano. Só por essa razão, o turismo já se justifica como instrumento de construção da cidadania.

Vontade política, participação consciente, reformas sociais, leis de uso e ocupação do solo, fiscalização, leis ambientais, planejamento, tombamento redefinem e valorizam o conceito de lugar. A sociedade deve promover a inclusão

social em todos os projetos. O reconhecimento do outro, a alteridade, é imprescindível.

As administrações devem ser responsabilizadas pela tolerância aos abusos cometidos por particulares e incentivadas em ações que busquem regularizar a ocupação urbana.

O dever do Poder Público não exime a responsabilidade individual e coletiva da sociedade civil. A participação popular é essencial ao processo e, nesse assunto, a responsabilidade é comum a todos.

É indispensável que imprensa, sindicatos, opinião pública, governantes monitorem as administrações municipais, mostrando-lhes a importância do meio natural e construído, não só como função ecológica mas como identidade turística que tem de se estender às áreas urbanas.

Entidades ausentes do processo de proteção à paisagem, como associações comerciais, sindicatos hoteleiros, áreas de entretenimento, devem ser conscientizadas de que sua renda depende disso, para que se solidarizem à causa, podendo, inclusive, patrocinar projetos em parceria com órgãos governamentais.

Pode parecer tedioso insistir quanto à destruição do patrimônio ambiental, mas é necessário lembrar sempre. “Quando se trata de patrimônio ambiental urbano, a prioridade tem que se deslocar das coisas para as relações sociais”.

O bom uso como procedimento para assegurar a integridade dos bens patrimoniais inseridos na sua área de influência e a preservação do Parque da Ermida Dom Bosco é o que deve balizar o turismo ali desenvolvido.

As perspectivas quanto ao desenvolvimento turístico no Parque estão relacionadas à ocupação urbana ao redor, à preservação ambiental e à conscientização da população residente no entorno.





Arie do Setor Habitacional Dom Bosco.

Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 97).

Foto de João Facó.

A pesquisa evidencia que a paisagem e o conteúdo místico do sonho de Dom Bosco, além da tranquilidade do lugar, motivam a maioria das visitas ao Parque da Ermida D. Bosco. Portanto, qualquer atividade, de turismo ou lazer, a ser ali desenvolvida deve preservar e respeitar essas características.

Assim, não somente a natureza dos usos e atividades, mas também a intensidade e ocupação do Parque da Ermida D. Bosco deverão ser analisados.

A implantação do projeto paisagístico é prioritária para a implementação de qualquer atividade no local. O paisagismo entendido como esfera pública tem muito a cumprir com as infinitas possibilidades de combinação relevo – flora – arquitetura. A flora regional deve ser valorizada, dando-se preferência às espécies capazes de enfrentar pressões e vandalismos.

A seguir relacionaremos sugestões de atividades turísticas e de lazer que, no nosso ponto de vista, se adequam ao Parque e também recomendações de ações que julgamos necessárias para a revitalização e implementação do lugar.

Parte dessas atividades podem ser direcionadas a adolescentes e crianças carentes, mais especificamente do Paranoá, com o apoio e participação das administrações envolvidas, dos moradores vizinhos, dos salesianos, organizações não governamentais e voluntários. Algumas poderão ser desenvolvidas durante a semana, quando o número de visitantes é menor.

- SUGESTÕES DE ATIVIDADES

- Atividades que interajam com a natureza, como aulas de tai chi chuan, ginástica chinesa, yoga, entre outras, são recomendadas como forma de utilização do espaço e integração social.
- A Caminhada da Lua e concertos ao ar livre, realizados eventualmente pela Administração do Lago Sul, devem ser incentivados, tentando se estabelecer uma programação mais constante.
- Vivências de cursos ministrados no Instituto Israel Pinheiro poderiam ser realizadas no Parque, para divulgação e melhor aproveitamento do espaço.
- Excursões com alunos do 1º grau poderiam ser organizadas, educando, ao mesmo tempo em que se diverte. Aulas de geografia, história, educação ambiental, poderiam ser ministradas em campo.
- Atividades recreativas, direcionadas para crianças e adolescentes nos fins de semana, como teatro, oficinas de pintura, artesanato com produtos do cerrado; todas com a educação sócio-ambiental inserida na programação.
- Atividades voltadas para a terceira idade, como caminhadas, curso de ikebana, orientação sobre medicina alternativa.
- Realização de atividades culturais no teatro de arena, como concertos instrumentais, teatro, recitais.
- Realização de feiras e exposições ecológicas, sempre sem perder de vista a educação ambiental.
- Organização de passeios guiados pelas trilhas, com monitores especializados, que poderiam, eventualmente, transmitir noções de botânica, ecologia, geografia. As trilhas existentes na mata são pouco utilizadas, pela ausência de segurança, sinalização e divulgação.

## RECOMENDAÇÕES

- Implantar o projeto urbanístico (paisagismo e arquitetura) integralmente o quanto antes.
- Avaliar com bastante cuidado a proposta de construção de uma igreja no local, analisando-se a sua necessidade e demanda e se é compatível com os aspectos turísticos e culturais e com a preservação da natureza e paisagem do lugar. Na nossa percepção, os toldos colocados para a celebração da missa de Dom Bosco, realizada anualmente, atendem à dimensão e objetivo do evento. A proposta deve ser **amplamente discutida** com a população em geral, com os moradores vizinhos e com todos os órgãos envolvidos na gestão do Parque da Ermida D. Bosco.
- Da mesma forma, deve-se analisar com atenção a proposta de celebração de casamentos no Parque, para que não seja essa mais uma atividade excludente, que promova a restrição do acesso ao Parque, especialmente nos fins de semana.
- Fazer a manutenção de elementos do projeto já implantados, como pista de *cooper*, bancos e revestimento do piso, hoje em estado precário.



Pista de *cooper* tomada pelo mato.

Foto da autora.

- Fazer a manutenção rotineira dos jardins existentes, muitos com mato elevado.



Praça 1 (ver projeto paisagístico – anexo).

Foto da autora.

- Divulgar, entre os freqüentadores e moradores da vizinhança, as atividades promovidas, com o objetivo de envolver a comunidade.

- Distribuir, com o apoio do vigia, folhetos com mapa, descrição dos atrativos do parque, história da Ermida e recomendações ambientais.

- Divulgar o Parque da Ermida em publicações especializadas, guias. Contatar o Guia 4 Rodas, da Editora Abril, que não cita o local como atrativo turístico de Brasília.

- Implementar a segurança no local, com vigia ou policial fazendo a ronda por todo o Parque, inclusive nas trilhas.

- Implantar coleta seletiva de lixo, com folhetos educativos expondo a importância da reciclagem e da limpeza do lugar.

- Fazer da Festa de Dom Bosco, cada vez mais, uma festa popular, respeitando o seu caráter religioso e agregador, a capacidade de carga do Parque e as expectativas da população. Pode-se articular a oferta de transporte gratuito para o local nesse dia específico e o patrocínio para a realização de feiras e

atividades lúdicas no local, além da realização de shows. A festa pode trazer algum prejuízo para a conservação do Parque, mas trata-se de um único dia por ano e cabe aqui lembrar uma das funções do espaço público, que é promover a integração e o bem estar da população.

- Implantar sinalização educativa e informativa adequada, sem poluir visualmente o lugar.

- Analisar o uso do lago para banho. Da forma como é feito hoje não há segurança para os usuários e pode trazer impactos para o meio ambiente.



Usuários pescando na Ermida Dom Bosco, às margens do lago.

Foto da autora.

- Melhorar a iluminação do local, sem agredir a paisagem.
- Avaliar o uso, ou mesmo a viabilidade, do ancoradouro existente ao lado do Parque, em frente ao Condomínio, devido a possível impacto ambiental, em razão da presença de óleo e barulho.
- Implantar bancos mais confortáveis, de madeira ou outro material que não interfira na paisagem, próximos à margem do lago, para melhor apreciação da vista e do Parque.

Em relação ao desenvolvimento de atividades culturais da orla do lago, inserindo-se aí a Ermida D. Bosco, seria importante a inclusão do lago no circuito

nacional de eventos náuticos, a consolidação das áreas utilizadas para manifestações culturais como elemento de valorização do lago, o incentivo a eventos socioculturais, artísticos e religiosos e a inclusão das atividades culturais no calendário turístico da cidade. Deve-se ter sempre em mente, entretanto, que essas atividades devem ser cuidadosamente planejadas e avaliadas, para que, como dito no início deste item, as características marcantes da Ermida D. Bosco sejam respeitadas.



Anfiteatro, na Ermida Dom Bosco, às margens do lago.

Foto da autora.

- CONCLUINDO...

A Ermida Dom Bosco deve buscar sua marca no conteúdo, nas relações que ela desenha com Brasília. E essa marca já existe, não precisa ser inventada. É a cultura, no sentido amplo da palavra. É o caminho da sua história. Ela nasce no ponto de partida do crescimento da cidade, e nos leva à Esplanada dos Ministérios, parte essencial da identidade da cidade. Ela testemunha o Lago Paranoá, espaço de lazer, vida e harmonia por excelência, testemunha e nos lembra a destruição da memória, representada pelas ruínas do Hotel Brasília, à sua frente, que, após incêndio, aguarda há anos a restauração.

Na Ermida Dom Bosco, como em qualquer outro lugar, também se corre o risco de ser assaltado, há drogas, há separação de classes. Não se trata, pois, de idealizá-la, mas de transformá-la e, assim, preservá-la. Transformá-la em um espaço público de fato, espaço adequado para a integração humana e social, para a educação ambiental, para a formação cultural; um espaço para, simplesmente, ser feliz, amar, conversar com quem passa. Pois, “*sem cultura vai-se a alma*”<sup>19</sup>. E sem alma não há lugar.



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 404).

Foto de Marcus Vinicius Vieia.

---

<sup>19</sup> Vereador Carlão, de Belo Horizonte em artigo publicado no jornal “Estado de Minas” em fev.2004

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELI, Margarita N. Barreto; *Planejamento e Organização do Turismo*. Campinas: Papyrus, 1999.

ADETUR/GDF e Viana, Francisco. *Brasília, a Capital do século 21*. Brasília, s.d.

ARCARI, Antonio. *A fotografia, as formas, os objetos, o homem*. Milano, 1980.

BANCO COMERCIAL DE MINAS GERAIS. *Souvenir de Brasília* : sd.

BANDUCCI JR, Álvaro e BARRETOS, Margarita. *Turismo e Identidade Local, uma visão antropológica*. Papyrus, 2001.

BERQUE, Augustin. *Raisons du paysage*. Paris: Hazan, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Somos as águas puras*. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

CARPINTERO, Antonio Carlos C. Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil 1956-1958. *Tese de Doutorado. USP, SP, 1998*.

CODEPLAN-Brasília. Guia de Informações Sócio-econômicas Turísticas e Culturais do Distrito Federal: *Brasília: Codeplan, 1999*.

COLLOT, Michel. *Ponto de vista sobre a percepção das paisagens*. In Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro 20 (39), 21-32, 1990.

EMBRATUR / IBAMA. Brasília. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo* MICT / MMA. Brasília: EMBRATUR / IBAMA, 1994.

EMBRATUR. Brasília. *Desenvolvimento de turismo sustentável: Manual para Organizadores Locais - PNMT*. Brasília, CTI - Consultoria Turística Integrada / SETS / EMBRATUR, 1998.

\_\_\_\_\_. *Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Diretrizes*. Brasília: EMBRATUR, 1999.

FONSECA, Fernando de Oliveira (org.). *Olhares sobre o Lago Paranoá*. Brasília: Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 2001



GEIGER, Pedro P. *Turismo e Espacialidade* in RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri (org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

JANTSCH, Paulo e BIANCHETTI, Lucídio. *Algumas considerações práticas sobre interdisciplinaridade* in FOLLARI, Roberto. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARQUES, Jarbas Silva. *O Sonho de Dom Bosco*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do DF. p. 95 –103, nº 3, 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *A paisagem como fato cultural*. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) *Turismo e Paisagem*: São Paulo: Contexto, 2002.

MARTINS, Sérgio. *Limites del Desarrollo Sostenible en América Latina – En el Marco de las Políticas de (re)Ajuste Económico*. Pelotas: UFPel, 1995.

MCINTOSH, Robert W. *Tourism, principles, practices, philosophies*. Columbus, Ohio: Grid Inc. Abril, 1972.

PAIVA, M<sup>re</sup> das Graças Menezes. *Sociologia do Turismo*. Papyrus, 2001.

PINTO COELHO, Margarida Hatem e outros. *Ecoturismo e Políticas Públicas*. Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, 1999, (trabalho de aluno)

RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Editorial Gustavo Gile, 1978

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. *Turismo e Ambiente: Reflexões e Propostas*. Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. In AGB Informa - Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo nº 58. São Paulo: AGB, 1995.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. *Turismo e Planejamento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente*. Campinas: Papyrus, 4. ed. 1999.

ROSS, Glen F. *Psicologia do Turismo*.

SACHS, Ignacy. *Estratégias de transição para o século XXI* in BURSZTYN, Marcel. (org.) *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. *Planejamento Territorial e Dinâmica Local: Bases para o Turismo Sustentável*. In RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SIQUEIRA, Deis. *Religiosidade e Turismo em Brasília*. Apostila do Centro de Excelência em Turismo da UnB, outubro, 2002.

SWARBROOKE, Jonh. *Turismo Sustentável: Setor Público e Cenários Geográficos*. 2000.

TAMANINI, Lourenço Fernando. *Brasília: Memória da Construção. A Surpreendente História do Lago Sul e outras histórias exemplares*. Brasília: Royal Court, 1997.

\_\_\_\_\_. *Brasília: Memória da Construção*. Brasília: Royal Court, 1997.

VIEIRA, Paulo Freire. *Meio-ambiente desenvolvimento e cidadania*. Florianópolis: EDUFSC, 1996.

WESTERN, David. *Definindo Ecoturismo* in LINDBERG, Kreg. HAWKINS, Donald E. (Orgs.). *Ecoturismo: Um Guia para Planejamento e Gestão*. São Paulo: SENAC 1995.

YÁZIGI, Eduardo (org.) *Turismo e Paisagem*: São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Alma do Lugar, Turismo, Planejamento e Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Turismo: Uma Esperança Condicional*. São Paulo: Plêiade, 1998.

## INTERNET

Areal, Augusto César, *A História de Brasília*, Disponível na internet em: <<http://www.infobrasilia.com.br>>. Acesso em jan.2004.

Arquivo Público/DF. *Centenário de JK*. Disponível na internet em <<http://www.arpdf.df.gov.br>> Acesso em jan.2004.

Codeplan. *Ermida Dom Bosco*. Disponível na internet em <<http://www.codeplan.df.gov.br/publicacoes/guia>>. Acesso em jan.2004.

Congregação Salesiana. *Dom Bosco*. Disponível na internet em <<http://www.paraquiasaojoaobosco.com.br/dombosco>>. Acesso em jan.2004.

Departamento do Patrimônio Histórico e Ambiental/DF. *Ermida Dom Bosco*. Disponível na internet em <<http://www.depha.df.gov.br>>. Acesso em jan.2004.

Ecotur. *Ecoturismo no Brasil; Planalto Central*. Disponível na internet em <<http://www.eco.tur.br/ecoguias/planalto/ecopontos/paisagens/brasilia/dbosco>> Acesso em jan.2004.

Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos/DF. *Bens Culturais Tombados*. Disponível na internet em <<http://www.semarnh.df.gov.br>> Acesso em jan.2004

Secretaria de Turismo/DF, *Religião e Misticismo: Ermida Dom Bosco*. Disponível na internet em <<http://www.setur.df.gov.br/setur>> Acesso em jan.2004.

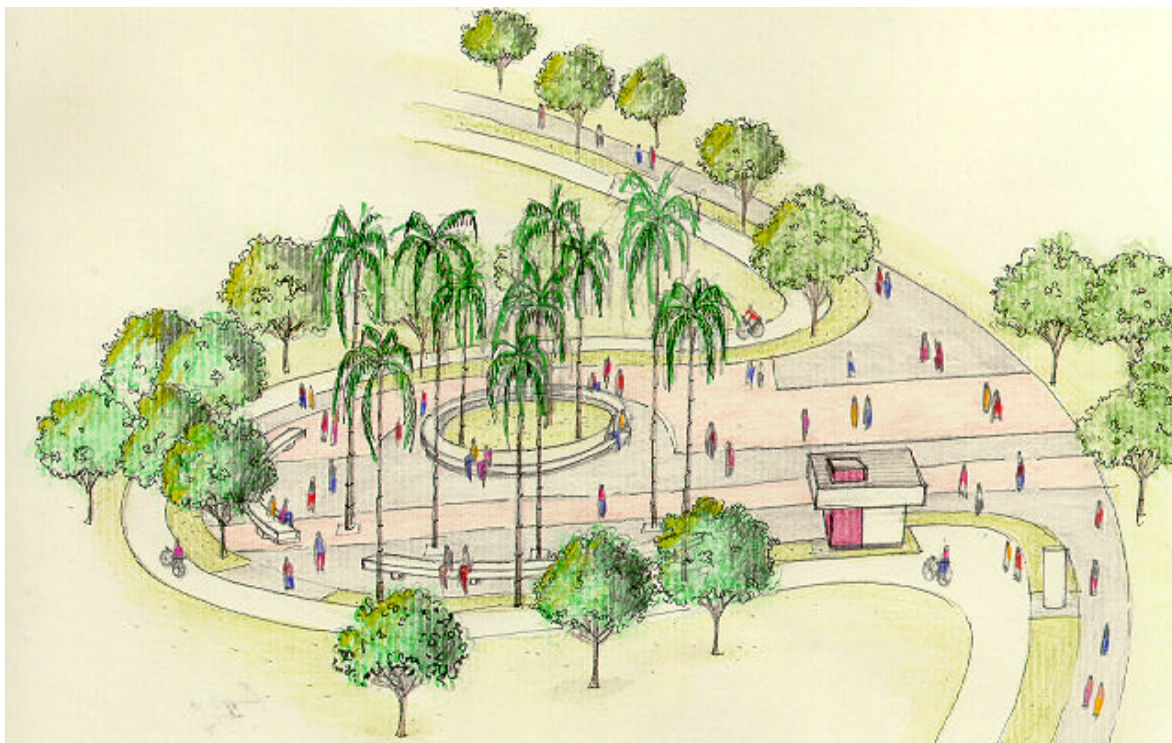
*A História de Brasília – Textos Complementares*. Disponível na internet em <<http://www.persocom.com.br/brasilia/bsb>> Acesso em jan.2004.



**PROJETO PAISAGÍSTICO**



Fonte:Novacap



Praça 1.



Praça 2.



Praça 3.



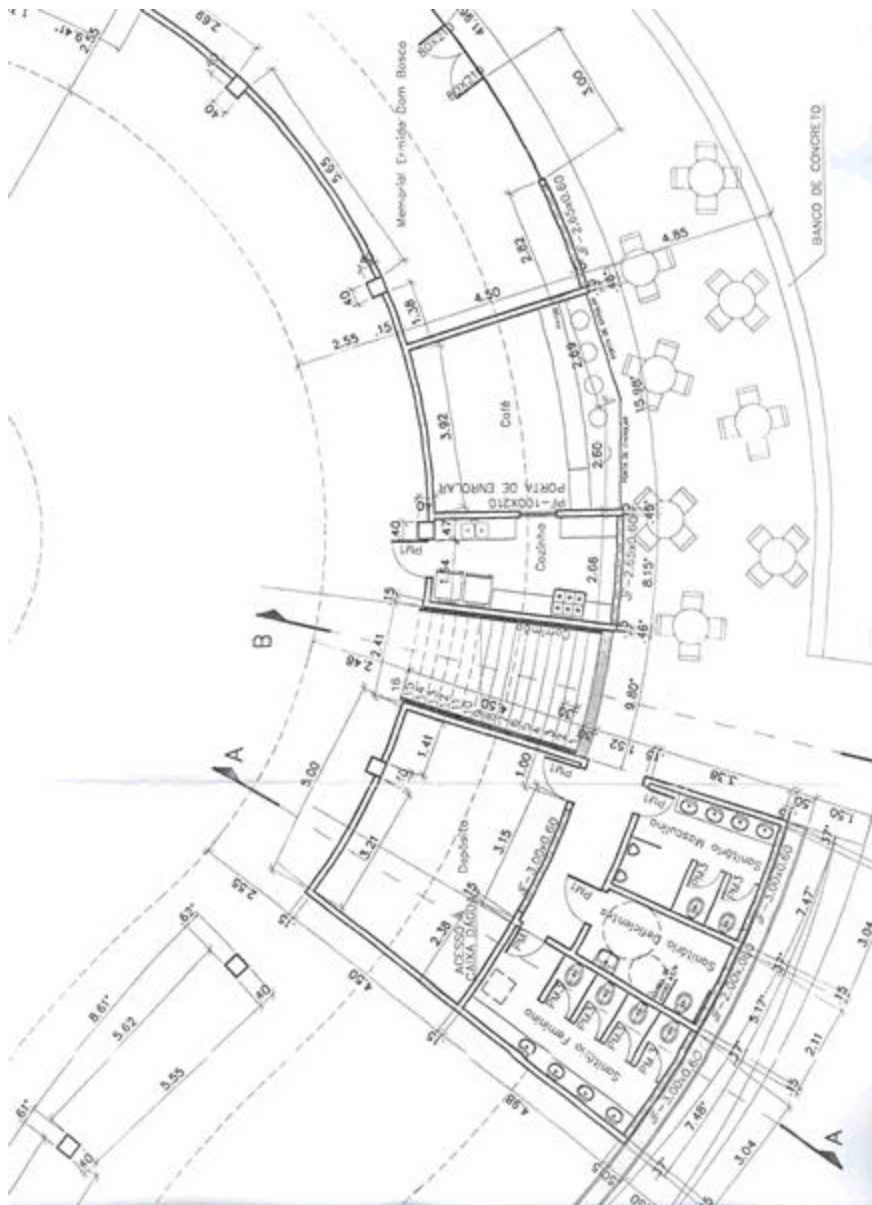
Praça 4.

Fonte: Projeto Seduh/GDF.



**PROJETO ARQUITETÔNICO**

<b>LAGO SUL-RAX</b>				
ENDERECO :		ERMIDA DOM BOSCO-QL 29 LAGO SUL		
PROPRIETARIO :		GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL		
AUTOR DO PROJETO :		ADM. REG. DO LAGO SUL / INST. DE PLAN. TERR. E URB. DO DF		
RESP. TECNICO :		ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DA RAX		
<p>_____</p> <p>Ass. Proprietário</p> <p>_____</p> <p>Ass. Autor do Projeto. <span style="float: right;">CREA</span></p> <p>_____</p> <p>Ass. Resp. Técnico <span style="float: right;">CREA</span></p>				
REAP	CREA			
	OUTROS			
<b>ARQUITETURA</b>				
<b>ADM.RAX IPDF</b>	USO:	ANTEPROJETO		ÁREAS:
	CONTEÚDO:	ERMIDA DOM BOSCO		A. TERRENO: -
	DATA	ABRIL/2000	DES. _____	VISTO: _____
				FOLHA <b>1/2</b>



## **LEGISLAÇÃO**

**DECRETO Nº 19.292 , DE 04 DE JUNHO DE 1998**

*Dispõe sobre a criação do Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco na área que especifica, e dá outras providências.*

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII a XXVI da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1º - Fica criado o Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco, dentro da área que compreende a poligonal do Setor Habitacional Dom Bosco, estendendo-se numa faixa junto a orla do Lago Paranoá. nos limites do Setor Ermida Dom Bosco - SEDB até o corrego Manoel Francisco.

Paragrafo unico - O Instituto de Planejamento e Ordenamento Territorial - IPDF elaborará o Projeto de Urbanismo e Parcelamento - URB e respectivo Memorial Descritivo, no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de publicação deste Decreto.

Art. 2º - Sao objetivos do Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco:

I - a preservação dos atributos naturais da região, especialmente os remanescentes de vegetação nativa;

II - a preservação da fauna associada ao tipo de vegetação presente na área;

III - a recuperação das áreas degradadas pelo manejo inadequado do solo;

IV - proporcionar o desenvolvimento de programas de educação ambiental e de pesquisas sobre os ecossistemas locais;

V - proporcionar à população lazer e cultura visando principalmente o desenvolvimento de atividades que levem em conta a conservação do meio ambiente;

VI - promover e desenvolver atividades compatíveis com as já existentes no local.

Art. 3º - Compete a Administração Regional do Lago Sul, a administração do Parque Ecológico da Ermida, sempre em consonância com as deliberações do Conselho Gestor do Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco.

Art. 4º - Compete ao Instituto de Ecologia e Meio Ambiente - IEMA, autarquia vinculada a Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia - SEMATEC, a supervisão, fiscalização e orientação técnica das atividades a serem desenvolvidas no Parque, com a aplicação de toda legislação ambiental para o pleno desenvolvimento do processo de conservação e recuperação do meio ambiente.

Art. 5º - Compete ao Conselho Gestor do Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco, a deliberação sobre todos os projetos a serem desenvolvidos, nos aspectos administrativos, ambientais e de normas de funcionamento, bem como sobre necessárias edificações.

Art. 6º - O Conselho Gestor do Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco será composto por representantes dos seguintes órgãos e entidades:

I - Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia - SEMATEC;

II - Instituto de Ecologia e Meio Ambiente - IEMA;

III - Administração Regional do Lago Sul,

IV - MITRA - Arquidiocese de Brasília, representada pelo Convento das Carmelitas, Seminário Redentor Mater e Mosteiro de São Bento de Olinda;

V - representantes da comunidade do Bairro Dom Bosco, Instituto Israel Pinheiro e Universidade Católica de Brasília - UCB.

Art. 7º - A implantação dos serviços de infra-estrutura, dar-se-a preferencialmente por meio de parcerias.

Paragrafo unico - Para a implantação do Parque, bem como para a definição de suas atividades e cumprimento de seus objetivos, será elaborado, no prazo de 30 (trinta) dias da publicação deste Decreto, o Estatuto do Conselho Gestor, que deverá ser aprovado pelo Instituto de Ecologia a Meio Ambiente.

Art. 8º - A instalação de equipamentos ou o use da área do Parque com objetivos diversos aos previstos neste Decreto, dependerá de autorização prévia do IEMA, ouvida a SEMATEC.

Art. 9º - Não será permitido na área do Parque o exercício de qualquer atividade que represente risco ou dano ambiental.

Art. 10 - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 11 - Revogam-se as disposições em contrario.

Brasília, 04 de Junho de 1998

110º da Republica a 39º de Brasília

CRISTOVAM BUARQUE

**LEI COMPLEMENTAR Nº 219, DE 08 DE JUNHO DE 1999.**

*Cria o Parque Ecológico Dom Bosco.*

**O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL FAÇO SABER QUE A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:**

Art. 1º Fica criado o Parque Ecológico Dom Bosco, situado na Região Administrativa do Lago Sul - RA XVI, na área definida no croqui anexo.

Art. 2º A criação do Parque Ecológico Dom Bosco tem como objetivos:

I - a preservação da vegetação existente;

II - a recuperação da área degradada;

III - a proteção dos espécimes da região e de seus refúgios naturais.

Art. 3º O Poder Executivo, por intermédio de seus órgãos específicos, fica responsável pelo gerenciamento e supervisão da área, com vistas ao alcance dos objetivos do Parque.

Art. 4º Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Publicada no DODF de 09 de junho de 1999

**LEI COMPLEMENTAR Nº 263, DE 1 DE DEZEMBRO DE 1999**

*Altera a Lei Complementar 219, de 8 de junho de 1999, que "cria o Parque Ecológico Dom Bosco."*

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, FAÇO SABER QUE A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º A Lei Complementar nº 219, de 8 de junho de 1999, passa a vigorar com as alterações seguintes, renumerado - se os arts. 4º e 5º para 7º e 8º, respectivamente:

"Art. 1º O Parque Ecológico Dom Bosco, situado na Região Administrativa do Lago Sul - RA XVI, localiza-se dentro dos seguintes limites e confrontações: "começa no vértice de coordenadas N = 8.251.626,600 e E = 200.304,510, cravado no início da cerca de divisa do lote do Instituto Israel Pinheiro, às margens do Lago Paranoá; daí segue pelo limite desse lote, com o azimute de 173°14'38,8" e distância de 708,220 metros, dividindo com as terras de propriedade de Paulo Eduardo Gresta "em comum" com a Companhia Imobiliária de Brasília - TERRACAP e outros, até o vértice de coordenadas N = 8.250.922,920 e E = 200.387,870; daí, defletindo à direita, segue limitando com o lote do Instituto Israel Pinheiro, com o azimute de 263°09'41,8" e distância de 375,209 metros, até o vértice de coordenadas N = 8.250.878,220 e E = 200.015,130, no limite do lote do Mosteiro São Bento; daí segue com o azimute de 352°54'37,1" e distância de 14,7 metros até o vértice de coordenadas N = 8.250.863,624 e E = 200.016,945; daí segue com o azimute de 268°30'55,8" e distância de 220,087 metros, até o vértice de coordenadas N = 8.250.857;919 e E = 199.796,814; daí segue com o azimute de 267°06'22,6" e distância de 182,321 metros, atravessando a estrada da Ermida Dom Bosco até o vértice de coordenadas N = 8.250.848,710 e E = 199.614,627; daí segue pelo limite da faixa de domínio da Estrada da Ermida Dom Bosco, com o azimute de 321°50'18,2" e distância de 475,961 metros, até o vértice de coordenadas N = 8.251.223.146 e E = 199.320.382; daí defletindo à esquerda, segue com os azimutes e distâncias seguintes: 284°22'43,3" e 345,288 metros, 244°34'24,6" e 39,051 metros; 274°2'07,6" e 30,456 metros; 280°48'05,4" e 20,039 metros; 300°43'38,6" e 31,264 metros; 305°21'48,2" e 31,275 metros; 314°01'52,7" e 23,244 metros e 284°22'43,3" e 229,627 metros, até o vértice, na margem do Lago Paranoá, daí defletindo à direita, segue margeando o Lago Paranoá até o vértice de coordenadas N= 8.251.626,600 e E= 200.304,510, ponto de partida desses limites.

Art.2º...

IV - consolidação da Área de Proteção Ambiental do Paranoá - APA do Paranoá;

V - eliminação dos fatores relacionados à degradação da qualidade ambiental;

VI - disponibilização de espaço e meios necessários à promoção da educação ambiental, particularmente daquela relacionada ao ecossistema do cerrado.

Art. 3º O acesso de pessoas ao Parque Ecológico Dom Bosco sujeita-se ao exercício do poder de polícia por parte do Poder Público do Distrito Federal, nos termos das normas previstas em regulamento.



Art. 4º A manutenção e o funcionamento do Parque Ecológico Dom Bosco serão custeados mediante a consignação de dotações orçamentárias no orçamento público do Distrito Federal.

Art. 5º O Parque Ecológico Dom Bosco tem por objetivo resguardar a área que o delimita, de rara beleza paisagística, bem como assegurar a proteção integral da flora e da fauna nele existentes, conciliando essa destinação com sua utilização para fins educacionais e científicos.

Art. 6º É atribuída à Administração do Lago Sul – RA-XVI, a quem caberá a administração do Parque, sob supervisão do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente - IEMA, a incumbência de elaborar e encaminhar ao Governador do Distrito Federal, no prazo de trinta dias, proposta sugerindo as providências a serem adotadas objetivando a implantação, fiscalização e regular funcionamento do Parque de que trata a Lei Complementar nº 219, de 8 de junho de 1999."

Art. 7º Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º Revogam-se as disposições em contrário.

Publicada no DODF de 03.12.1999

**PROGRAMAÇÃO FESTA DOM BOSCO - 2003**

## **120 Anos do Sonho - Visão de Dom Bosco e 43 do Lago Sul**

### **Programação**

**Data:** 31 de Agosto de 2003

**Local:** Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco

- 8h Largada da Volta Ciclística de Brasília
- 9h Feira de Saúde (até às 18h)
- 9h Abertura da Exposição da CAESB
- 9h30 **Chegada da procissão de motociclistas trazendo, do Núcleo Bandeirante, a imagem de Dom Bosco**
- 9h30 Chegada do cortejo de carros antigos (saída 8h30 da Administração do Lago Sul)
- 10h15 **Missa Campal celebrada pelos Salesianos**
- 12h **Chegada do Fogo Simbólico da Pátria**
- 12h Apresentação da Banda Salesiana
- 12h30 **Chegada da procissão náutica** (saída 10h30, do clube Cota Mil)
- 12h30 Sobrevôo de ultraleves
- 13h30 Apresentação dos pára-quedistas
- 14h Apresentação do Bumba-meu-Boi do Mestre Teodoro
- 14h30 Roda de capoeira
- 15h Apresentação de patinadores Radicais (*Roller Skate/Street Roller*)
- 16h Apresentações musicais (Homem de Pedra, *Blues Band*)
- 17h Concerto ao Pôr-do-sol com a Banda do Comando Militar do Planalto
- 17h30 **Apresentações musicais (Syang, Ligação Direta e Friends)**
- 20h30 Show pirotécnico

### **Outras Atrações:**

- Muro para escalada
- Brinquedoteca



Fonte: Olhares sobre o Lago Paranoá, Semarh/GDF (2001, p. 198).

Foto de Jailton Cardoso Gomes.

*“Uma secreta harmonia se estabelece entre a terra e os povos que ela nutre, mas quando as sociedades imprudentes sentem-se autorizadas a por a mão sobre seu domínio, acabam sempre por se arrepender. Lá onde o solo é enfeiado, lá onde toda poesia desapareceu da paisagem, as imaginações apagam-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo tomam conta das almas e predispõem-nas ao torpor e à morte (Élisée Reclus.)”<sup>20</sup>*

---

<sup>20</sup>in Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas